



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

CATHERINE RAFAELA BARBOSA REIS

**A TRANSGENERIDADE E O COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL: ANÁLISE
DISCURSIVA DA SÉRIE *IDENTIFY***

FORTALEZA

2023

CATHERINE RAFAELA BARBOSA REIS

A TRANSGENERIDADE E O COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL: ANÁLISE
DISCURSIVA DA SÉRIE *IDENTIFY*

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, do Instituto de Cultura e Arte, da Universidade Federal do Ceará, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof.^a Dra. Glícia Maria Pontes Bezerra.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R299t Reis, Catherine Rafaela Barbosa.
A Transgeneridade e o comitê olímpico internacional : análise discursiva da série Identify /
Catherine Rafaela Barbosa Reis. – 2024.
79 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e
Arte, Curso de Comunicação Social (Publicidade e Propaganda), Fortaleza, 2024.
Orientação: Profa. Dra. Glícia Maria Pontes Bezerra.

1. Olimpíadas. 2. Transgeneridade. 3. Análise discursiva. 4. Comunicação esportiva. 5. Audiovisual. I.
Título.

CDD 070.5

CATHERINE RAFAELA BARBOSA REIS

A TRANSGENERIDADE E O COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL: ANÁLISE
DISCURSIVA DA SÉRIE *IDENTIFY*

Monografia apresentada ao Curso de
Comunicação Social – Publicidade e
Propaganda, do Instituto de Cultura e Arte, da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial à obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social – Publicidade e
Propaganda.

Aprovada em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Glícia Maria Pontes Bezerra (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Maria Aparecida de Sousa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Me. Ed Ney Borges Dias
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À todas as minhas irmãs póstumas, que
lutaram para que eu pudesse chegar aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a todos os professores e professoras que fizeram parte de minha jornada acadêmica, os quais me deram coragem e discernimento para ser quem sou hoje. Em especial, à Profa. Dra. Glícia Maria Pontes Bezerra, minha orientadora, a qual me fez trilhar um lindo caminho com este trabalho. Tive sorte de ter mestres e doutoras(es) tão brilhantes ao longo de minha graduação.

À minha mãe, Marcelle, que nunca, em nenhum momento, desistiu. Hoje, só estou aqui por sua força e coragem de enfrentar o mundo em um dos piores momentos que uma pessoa poderia passar. Reconheço sua luta e ela jamais será esquecida. Aqueles que nos deixaram sempre lembrarão de sua força e estão comemorando, lá em cima, conosco.

Ao meu pai, Rogério, que sempre apoiou meus sonhos e, da mesma forma, lutou incansavelmente, antes mesmo de meu nascimento, para que hoje eu estivesse aqui. Ao meu irmão, Caio, meu melhor amigo, com quem compartilho tantos sorrisos e conquistas, por quem torço e acredito piamente que conseguirá alcançar tudo que quiser.

Aos bons amigos que fiz ao longo desta jornada: Ícaro, Yunus, Katharina, Anne, Anderson, Cihan, Emre, Marcelo, Davi e Gabriel, que foram (e são) minha família e não deixaram que eu me sentisse só nem sequer por um minuto. Ao programa Universidade do Esporte e seus integrantes, principalmente Fernando e Binho, que foram meus padrinhos e mentores no exercício da comunicação. À Rê, que foi meu alicerce na reta final de minha graduação, me apoiando a todo momento. Ao Publi, meu companheiro de estrada.

À Belém, por ser meu berço e minha eterna casa. À Natal, por me mostrar o mundo como realmente é. À Izmit, por ter sido um sonho na terra. À Fortaleza, por sempre me receber de volta com os braços abertos.

Por fim, à minha coragem.

“Oh, venha depressa
Eles estão levando nosso paraíso embora
Separando-nos da fonte de nossas vidas
Envenenando os mares e poluindo os céus
Ignorando os gritos, promovendo mentiras
Então agora que essa visão entrou em sua vida
Espero que você participe da luta
Contra aqueles que procuram transformar
Nosso dia em noite.”

(Mike Love)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a relação comunicacional do Comitê Olímpico Internacional (COI) com a pauta da trans-inclusão no esporte de alto nível. O estudo emprega a percepção ritualística da comunicação para compreender como são perpetuadas crenças limitantes e preconceitos acerca de atletas transgêneros, além de discorrer sobre as dinâmicas de poder que envolvem o COI e os demais atores sociais que disputam a legitimidade dos direitos desportivos de pessoas trans, buscando contribuir para uma reflexão crítica sobre os desafios e as possibilidades de uma trans-inclusão efetiva e respeitosa com o auxílio da comunicação. O trabalho utiliza-se das metodologias de análise de discurso para examinar a série *Identify*, de 2017, que discorre sobre a jornada de cinco atletas transgêneros e as relaciona com os marcos de elegibilidade desenvolvidos pela entidade, sendo o principal objeto analítico. Além disso, documentos oficiais do COI sobre a participação de atletas trans nos Jogos Olímpicos, bem como as manifestações públicas de seus representantes, também são utilizados na análise.

Palavras-chave: Olimpíadas; Transgeneridade; Análise Discursiva; Comunicação Esportiva; Audiovisual

ABSTRACT

The following paper has the objective to comprehend the communicational relationship of the International Olympic Committee (IOC) in regards to the issue of trans-inclusion in high performance sport. The study employs the ritualistic perception of communication to understand how limiting beliefs and prejudices are perpetuated towards transgender athletes, in addition to discussing the dynamics of power that involve the IOC and other social actors that dispute the legitimacy over sports rights of trans people, aiming to contribute to a critical reflection about the challenges and possibilities of a respectful and effective policy of trans-inclusion with help from communication. The research utilizes methodologies of discourse analysis, to investigate the Identify series, from 2017, which explores the journey of five transgender athletes and relates it to the eligibility milestones developed by the committee, that being the main analytical object. Beyond that, the official documents from the IOC regarding to the participation of trans athletes in the Olympic Games, as well as the public manifestation of its representatives, are also used in the analysis.

Keywords: Olympics; Transgenderity; Discursive Analysis; Sports Communication; Audiovisual

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Campanha da <i>Adidas</i> estrelando Tiffany Abreu	31
Figura 2	– Chloe em quadra	53
Figura 3	– Vinheta de Abertura	55
Figura 4	– Fotografia em porta-retrato	56
Figura 5	– Chloe encontrando seus amigos	59
Figura 6	– Chloe e suas novas companheiras de equipe	62
Figura 7	– Chris sendo entrevistado	63
Figura 8	– Fachada da sede do Comitê Olímpico Internacional	65
Figura 9	– Credenciais de Richard Budgett	67
Figura 10	– Richard Budgett falando sobre o marco regulatório de 2015.....	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COI	Comitê Olímpico Internacional
FIDE	Federação Internacional de Xadrez
FpM	Feminino para Masculino
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, Queers, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias e Mais
MpF	Masculino para Feminino
TH	Terapia Hormonal

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	TEORIAS DE GÊNERO E ESPORTE: EXPLORANDO A IDENTIDADE	16
2.1	Dispositivos de gênero e transgeneridade	19
3	O PAPEL DA COMUNICAÇÃO NA INCLUSÃO DE ATLETAS TRANSGÊNEROS	29
3.1	A comunicação e a desnaturalização da prática esportiva no imaginário de pessoas transgêneras	37
4	SÉRIE IDENTIFY: DESCONSTRUINDO MENSAGENS	44
4.1	Panorama das Políticas Trans-inclusivas do Comitê Olímpico Internacional	44
4.2	Delimitações e Considerações Preliminares	47
4.3	Investigação Global dos Episódios Iniciais	51
4.4	Desviando do Roteiro: Análise do Episódio Final.....	63
4.5	Resultados e Discussões	71
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
	REFERÊNCIAS	77

1 INTRODUÇÃO

A interseção entre identidade de gênero e esporte tem sido um tema de crescente relevância e complexidade, emergindo efetivamente ao debate público com maior veemência nos últimos anos, devido ao progressivo índice de atletas transgêneros em competições oficiais. De acordo com Rial (2008), “observa-se uma reconfiguração acontecendo ao longo da história do esporte sobre os gêneros”. No entanto, historicamente, a presença oficial de atletas trans na prática esportiva de elite era praticamente inexistente, devido a diversas barreiras legais, sociais e médicas.

A participação de pessoas trans foi devidamente regulada apenas no século XXI, quando o Comitê Olímpico Internacional (COI), em 2003, criou o Consenso de Estocolmo, por meio de sua equipe médica e científica. O marco regulatório permitiu a inclusão oficial de pessoas transgêneras “[...] se essas alcançassem e pudessem demonstrar equivalência fisiológica com atletas cisgêneras” (Gleaves; Lehrbach, 2016, p. 2, tradução própria¹). Ao longo do tempo, outros marcos regulatórios foram desenvolvidos, substituindo os antigos critérios. Entretanto, a participação oficial de atletas trans continuou inviabilizada por diversos fatores marginalizantes, o que levou a entidade a concluir que a implementação de “[...] políticas inclusivas pautadas na equivalência fisiológica não conduz aos resultados ideais” (Gleaves; Lehrbach, 2016, p. 4, tradução própria²).

Então, somente após dezoito anos do primeiro marco regulatório, atletas abertamente trans participaram, de forma oficial, dos Jogos Olímpicos. Em 2021 pudemos, pela primeira vez, acompanhar um momento histórico, no qual três atletas transgênero competiram com suas identidades publicizadas e devidamente reconhecidas (Mathey, 2021). Consequentemente, a inclusão de pessoas transgêneras no cenário esportivo global despontaram como uma questão de destaque nas Olimpíadas de Tóquio, suscitando uma variedade de perspectivas e opiniões, refletindo as crenças excludentes que permeiam a comunidade esportiva. Em outras palavras, as normas binárias e tradicionais de gênero foram desafiadas em um ambiente permeado por misoginia e discriminações, demandando, dessa forma, uma maior reflexão e uma análise aprofundada sobre a representação de corpos transgêneros em peças de comunicação de instituições esportivas.

¹ No original: “[...] if they achieve and can demonstrate physiological equivalency with cisgender athletes”.

² No original: “[...] policies for inclusion based on physiological equivalency do not result in ideal outcomes”.

Considerando que o COI, como uma das principais entidades reguladoras do esporte mundial, assume uma posição central na formação de normas e critérios que permeiam a participação de atletas transgêneros em eventos esportivos de alcance global, este estudo visa lançar luz sobre os elementos comunicacionais que orientam a abordagem do COI em relação a essa temática sensível. Ao explorar as diversas nuances da comunicação da entidade, buscamos compreender como essa constrói seus discursos, como se relaciona com a pauta e, em especial, como representa atletas transgênero em suas peças.

As análises comunicacionais acerca de deslocamentos sociais semelhantes levam em conta desde ações até omissões de entidades enunciadoras, revelando informações pertinentes acerca das dinâmicas que permeiam a temática. A maneira como organizações esportivas relevantes abordam e representam atletas trans se relaciona diretamente com a percepção global acerca da efetiva trans-inclusão, assim como a segurança, o bem-estar e o ímpeto de participação de esportistas transgêneros. Partindo de sua relevante posição internacional, o COI tem o poder de desafiar ou perpetuar o modelo binário de gênero tradicional, naturalizado pelo sistema em que estamos inseridos.

Cabe também destacar que este trabalho segue uma progressão lógica, explorando inicialmente os estudos e as teorias de gênero no contexto esportivo, com um foco especial na participação de atletas trans em competições oficiais. Eventualmente o estudo desdobra-se para elucubrações acerca do papel da comunicação na trans-inclusão.

O capítulo dois explora as teorias de gênero aplicadas ao esporte, destacando as diferentes perspectivas das variadas representações e teorizações de gênero. O capítulo três, por sua vez, concentra-se no papel da comunicação na inclusão de atletas trans, analisando como entidades esportivas (em especial o COI) e outros agentes de comunicação influenciam a percepção pública por meio de seus discursos, e como esses se relacionam com as narrativas acerca da trans-inclusão desportiva. Por fim, o quarto capítulo inicia, de fato, as observações analíticas, com base na metodologia da análise de discurso, examinando o vínculo do COI com a temática e posteriormente discutindo sobre os resultados.

Para alcançar esses objetivos, foram examinados artefatos institucionais, como documentos oficiais, pronunciamentos e peças comunicacionais promovidas pelo COI. Entretanto, a série documental '*Identify*', que aborda a experiência de vida de atletas trans, foi o objeto central deste estudo e dos apontamentos analíticos aqui realizados. Por meio dessa análise meticulosa, pretende-se identificar padrões, contradições e nuances no posicionamento e na comunicação da entidade, fornecendo, dessa forma, uma visão crítica sobre o papel dessa na disseminação de políticas trans-inclusivas no esporte.

2 TEORIAS DE GÊNERO E ESPORTE: INVESTIGANDO A IDENTIDADE

O panorama do esporte contemporâneo, historicamente enraizado em uma estrutura que refletiu normas cis-heteronormativas e concepções tradicionalmente binárias de 'masculinidade' e 'feminilidade', está em meio a uma transformação fundamental devido ao crescente reconhecimento e debate sobre as diversas identidades de gênero. Conforme destacado por Camargo e Altmann (2021, p. 2), o esporte enfrenta uma série de desafios e questionamentos que perpassam a tecnologia, questões de gênero e corpos não-normativos. Esse processo contínuo de questionamento e reavaliação ameaça as convenções radicadas na estrutura esportiva moderna e suas rígidas categorizações, expondo a necessidade imediata de explorar e compreender mais profundamente essa interseção.

Refletir sobre as diversas teorias de gênero desempenha um papel de imensa relevância em análises voltadas para a estrutura esportiva e suas políticas trans-inclusivas. O presente capítulo propõe-se a explorar as premissas que fundamentam nossa compreensão de gênero e identidade, bem como a estrutura binária que historicamente tem sido dominante no âmbito esportivo. Destacando a importância destas reflexões, visamos iluminar suas implicações no esporte e como elas lançam uma nova perspectiva sobre os desafios e circunstâncias que atletas transgênero enfrentam no palco global das competições olímpicas.

Antecipadamente, para que se possa explorar propriamente e com clareza questões concernentes à discussão, é fundamental que sejam traçados conceitos de notável importância acerca da temática. Para Jesus (2012, p. 12), “gênero se refere a formas de se identificar e ser identificada”, como homem, como mulher ou como as diversas sub-identidades pertencentes às identificações não-binárias e/ou *genderqueer*³. Essa catalogação, que deve ser livre de coações, sendo arbitrária e autodeterminística, é denominada “identidade de gênero”, que pode definir-se como “o gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento” (Jesus, 2012, p. 24).

De forma basilar, é importante destacar especificações e teorizações iniciais acerca do conceito de transgeneridade. Jesus (2012, p. 25) estabelece que o termo transgênero “abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento”. De forma errônea - ainda que não completamente inexata - o vocábulo

³ Termo abrangente, de origem norte-americana, utilizado para se referir às pessoas que rejeitam a cisgeneridade e as normas de gênero.

transgênero ou transexual (termo que cada vez mais cai em desuso devido a sua etimologia genitalista) é popularmente associado a homens e mulheres trans. É frequente a utilização do termo como uma descrição praticamente sinônima para se referir às pessoas que recusam o gênero atribuído no momento do nascimento e que transcenderam a dicotomia tradicional, reclamando a identidade de gênero que é considerada 'oposta' àquela inicialmente designada. Nesse caso, um homem transgênero (FpM) é alguém “que reivindica o reconhecimento social e legal como homem”. De maneira distinta, uma mulher transgênero (MpF) é alguém “que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher” (Jesus, 2012, p. 27). Entretanto,

Uma pessoa transgênero é alguém que experiencia incongruência entre o gênero que lhes foi atribuído em seu nascimento (baseado em seus órgãos genitais) e sua identidade/experiência de gênero, que pode ser definida como um sentido de gênero interno de uma pessoa, podendo esse ser masculino, feminino, nada ou algo ao longo do espectro de gênero (*continuum*) (Jones *et al.*, 2016, p. 702, tradução própria⁴).

Isto é, a transgeneridade não se limita a opostos binários ‘subvertidos’. De outro modo, se refere a todo e qualquer indivíduo que sinta incongruência com o gênero que lhe foi atribuído em seu nascimento. Portanto, é igualmente importante reconhecer a presença de pessoas não-binárias e *genderqueer* dentro deste cenário de discussões e teorizações sobre gênero e esporte. Essas identidades desafiam as conservadoras categorias normativas cis-binárias, reforçando a necessidade de uma compreensão ainda mais ampla e de um reconhecimento estrutural do gênero como espectro. As identidades de gênero pertencentes a esses grupos podem ser, ao longo do conceito apresentado, inertes ou flutuantes, podendo estar dentro ou fora deste e também podem promover uma união de elementos de gêneros ou uma completa rejeição a esses, como afirmam Schudson e Morgenroth (2022, p. 1).

Estas concepções diversificadas partem de um “movimento de reconhecer a existência de outras conformações anatômicas e fisiológicas, para além do binômio macho-fêmea, entendendo sexo/gênero como um espectro (*continuum*)” (Tavares; Ramos; Mohr, 2021, p. 420). É nítido observar que essas são identidades extremamente invalidadas, principalmente no tocante esportivo, pois ainda não existem categorias e/ou modalidades que as contemplem. A inclusão e aceitação de pessoas não-binárias e *genderqueer* no esporte também levantam questões importantes sobre a necessidade de adaptar regulamentos esportivos para acomodar uma ampla gama de identidades de gênero.

⁴ No original: “Transgender people are those who experience incongruence between the gender that they were assigned at birth (based on the appearance of their genitals) and their gender identity/experienced gender. Gender identity, or experienced gender, can be defined as a person’s internal sense of gender, whether this be male, female, neither or somewhere along the gender continuum”.

Convém, imperativamente, um destaque distinto às mulheres transgêneras, não somente pelo fato de que essas costumam ser constantemente objetos de críticas enérgicas, violações de direitos e impedimentos repetitivos no cenário esportivo, mas também por serem os principais alvos de agressões e homicídios cometidos contra transgêneros e LGBTQIAPN+ (Benevides, 2023). Além disso, essas apresentam, histórica e contemporaneamente, nuances diversificadas e movimentos políticos extremamente relevantes para o percurso de muitas sociedades. Faz-se necessário citar que “uma pessoa trans-feminina (travestis e mulheres trans) tem até 38 vezes mais chances de ser assassinada, sobretudo no espaço público que uma pessoa trans-masculina ou não binária” (Benevides, 2023, p. 45). Ademais, essas constituem, no Brasil, 99% dos casos registrados de homicídio contra pessoas transgêneras do ano de 2022 (Benevides, 2023, p. 45). Os dados apresentados fazem parte do dossiê conduzido anualmente pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais, que expõe, em números, a violência que pessoas trans sofrem diariamente, evidenciando um infeliz protagonismo por parte de travestis e mulheres transgêneros.

Essas ações e discursos se manifestam, também, no mundo esportivo, por meio da presunção de vantagem, que é utilizada como artifício discursivo para impedir a participação de mulheres transgêneras em competições profissionais e olímpicas. A partir disso, algumas indagações se evidenciam: por que a adoção pessoal de signos culturalmente femininos gera tantas reações negativas? Por qual motivo o ato de subverter normas masculinistas produz efeitos sociais tão intensos? Scott (1989, p. 16) esclarece que “o princípio de masculinidade baseia-se na repressão necessária dos aspectos femininos [...] e introduz o conflito na oposição entre o masculino e o feminino”. O que se pode concluir, em geral, é que a renúncia absoluta de privilégios machistas, seguida de uma transição para o outro lado do prisma e uma autossubmissão (assim como resistência) a eventuais violências - que certamente acontecerão - provoca reações descabidas, desumanas e violentas, principalmente partindo de homens cisgêneros, como aponta Benevides (2023, p. 54). A ameaça a um sistema binarista e ao patriarcado, causada por um movimento trans-feminino, pode, quiçá, explicar de onde surgem reações tão agressivas como essas.

A presunção de uma suposta vantagem ‘naturalmente’ atrelada ao falo e à testosterona é utilizada repetidamente como uma narrativa que vai contra a atuação esportiva e a participação formal de mulheres transgêneras, que visa, acima de tudo, a deslegitimação das conquistas e reivindicações da comunidade trans, assim como da representatividade dessas atletas em competições oficiais. Este artifício discursivo é usado regularmente por entidades esportivas e personalidades políticas conservadoras. Essa narrativa eventualmente

contamina, também, os espectadores, que passam a presumir esta vantagem, depositando sua confiança nas áreas médicas, ideológicas, religiosas e/ou midiáticas. Entretanto, a partir da ascensão desta extensa temática, inúmeros estudos vêm sendo realizados na tentativa de desmistificar crenças, narrativas e concepções desfundamentadas. Todavia, a realidade é que, “no cenário atual, não há pesquisas que ofereçam evidências substanciais de que mulheres trans desfrutem de alguma vantagem biológica que comprometeria a equidade em competições femininas de elite” (E-Alliance, 2022, p. 40, tradução própria⁵).

Ao contrário disso, os estudos que vêm sendo divulgados apontam que, após um período de doze meses de terapia hormonal (TH), existem condições e parâmetros médicos significativamente justos entre mulheres cisgêneras e transgêneras, como indica Pitsiladis (2016, p. 1, tradução própria⁶): “Gooren e Bunck mediram os indicadores de testosterona e hemoglobina em mulheres transgêneras que foram submetidas ao tratamento hormonal há um ano e evidenciaram que os níveis de testosterona e hemoglobina dessas estavam dentro da faixa hormonal feminina”. Além disso, T’Sjoen *et al.* (*apud* Pitsiladis, 2016, p. 1) reportaram que terapias hormonais antiandrogênicas, quando administradas em mulheres trans, reduzem a massa muscular, aumentam a gordura corporal e diminuem a densidade mineral óssea. Ademais, Harper (2015, *apud* E-Alliance, 2022, p. 25) apontou, em um grupo de oito mulheres transgêneras corredoras, uma redução de 10% em suas performances físicas/atléticas após serem submetidas à terapia hormonal. Roberts *et al.* (2021, *apud* E-Alliance, 2022, p. 25), por sua vez, utilizando testes de aptidão físicas militares, observaram uma supressão total de vantagens atléticas em mulheres transgêneras após doze meses de TH. Portanto, observa-se que as evidências disponíveis até o momento vão contra a noção de que mulheres trans tenham vantagens biológicas no esporte, o que fundamenta o consenso mais recente do COI acerca do tema, o qual exploraremos mais adiante.

2.1 Dispositivos De Gênero e Transgeneridade

Partindo desta apresentação introdutória e dos conceitos preliminares, é possível teorizar gênero e transgeneridade. As premissas fundamentais acerca do tema desempenham

⁵ No original: “There is currently no substantial research evidence of any biological advantages that would impede the fairness of trans women competing in elite women’s sport”.

⁶ No original: “Gooren and Bunck measured testosterone and hemoglobin levels in transgender women within a year of SRS and reported the levels of testosterone and hemoglobin are within the female range in transgender women”

um papel transformador na compreensão acerca das identidades de gênero e, por extensão, são cruciais para o exame crítico do impacto dessas teorias no esporte. Em princípio, Scott (1989, p. 106 e 3) afirma que ‘gênero’ não é apenas uma matéria acerca de dicotomias anatômicas. Ao invés disso, esse é construído socialmente através de práticas discursivas e institucionais. Por sua vez, ‘identidade de gênero’ não é um atributo inerente ao ser humano, mas é construída através de discursos que moldam os entendimentos e expectativas em relação aos corpos sexuados. Baseados nisso, estando de acordo com a autora, partimos do pensamento de que discursos constroem nossa visão sobre gênero e também constroem o próprio gênero. Foucault (2012, p. 10) estabelece que discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. São termos, então, cronicamente relacionados intimamente, em suas mais variadas formas.

Butler (2003, p. 28) afirma que “os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura”. Portanto, a competência de um discurso baseado em dicotomias, neste vínculo, é de estrita necessidade para a manutenção do binarismo de gênero no âmago da concepção e entendimento popular, como cita Camargo e Altmann (2021, p. 2). Assim sendo, é relevante apresentar, de forma complementar, alguns possíveis pressupostos que norteiam a teorização de gênero:

[...] (a) assumir que as diferenças entre mulheres e homens são construídas social, cultural e discursivamente; (b) problematizar as relações de poder em que essas diferenças são produzidas, vividas e legitimadas; (c) explorar o caráter relacional do conceito de gênero; (d) fissurar as homogeneidades e os essencialismos contidos nos termos mulher e homem e suas conexões; (e) operar com a pluralidade, a conflitualidade e a provisoriidade do viver e definir o gênero em diferentes tempos e lugares (Meyer, 2004, p. 15).

Isto posto, observando o esporte a partir desse prisma, é notória a adequação desse a um discurso binário e, para além disso, sua subordinação, por meio de suas entidades máximas, a um ordenamento binarista - que se ampara na teoria funcionalista - promovendo uma manifestação determinista, genitalista e transfóbica, que “reitera uma narrativa do ‘corpo errado’ imputada a pessoas trans, visto que a olhos cisgêneros tais sujeitos estariam fora das normas reiterativas do sexo/gênero” (Camargo; Altmann, 2021, p. 7).

No entanto, para compreender plenamente a relação entre o binário, a transfobia e sua presença no esporte contemporâneo, é essencial traçar suas raízes históricas, muitas das quais estão intrinsecamente ligadas ao colonialismo europeu. A categorização binária foi

imputada a corpos negros e pardos como uma ferramenta analítica para romper as relações sagradas e comunitárias entre as vidas negras, indígenas e latinas (Leo, 2020). Durante a colonização e suas continuidades contemporâneas, corpos transgêneros representaram uma ameaça ao sucesso do sistema de gênero colonialista, pois não podiam ser facilmente identificados em nenhuma das categorias de sexo/gênero (Leo, 2020).

A imposição das noções binárias de gênero e sexualidade foi um elemento central da dominação colonial. Os colonizadores europeus não apenas impuseram seu domínio territorial sobre vastas extensões do mundo, mas também impeliram seus valores e crenças. Nesse contexto, a cis-heteronormatividade binária, baseada em valores cristãos e na epistemologia europeia, foram aparelhadas como parte do processo de dominação colonial nos mais diversos territórios ao redor do mundo. “[...] A racionalidade ocidental é instrumentalizada para defender-se da diferença, e arregimenta para si tecnologias, sejam discursivas ou materiais, para fazê-lo” (Quinhones, Cid, Trento, 2019, p. 39). Conseqüentemente, essa dicotomia se tornou intrinsecamente ligada à discriminação e à marginalização de qualquer pessoa que não se encaixasse nesse sistema, sobretudo pessoas transgêneras. “[...] Corpos que rejeitavam a redução binária de gêneros, como um status sexual naturalizado, foram expostos à eliminação ao invés da assimilação” (Leo, 2020, p. 11, tradução própria⁷). Portanto, a presença persistente dessas ideias no esporte contemporâneo - que opera através de entidades geridas, em grande parte, a partir de influências europeias - reflete a herança do colonialismo europeu e é “[...] uma clara tentativa de exercício de um poder soberano que nega a condição de possibilidade de certas formas de vida” (Quinhones, Cid, Trento, 2019, P. 45) por meio do esporte e sua natureza excludente.

É evidente notar que grande parte das modalidades mais populares do mundo são produtos europeus e refletem uma disposição de crenças e valores ocidentais. Conseqüentemente, até mesmo os próprios Jogos Olímpicos da era moderna - idealizados pelo francês Pierre de Coubertin - nasceu com traços machistas, masculinistas e imperialistas, sendo um espaço de reserva feito por ‘homens’ e para ‘homens’ no coração da Europa. Mulheres eram proibidas de participar, sendo tratadas como meras espectadoras. Pierre possuía uma profunda repulsa acerca da hipotética participação feminina nas Olimpíadas e atuou ativamente na oposição contra as reivindicações feitas pelas mulheres.

⁷ No original: “[...] bodies that refused the reduction of gendered roles to naturalized sexed statuses faced elimination rather than assimilation”.

Portanto, à medida que exploramos esta temática, é crucial reconhecer que o esporte não existe e nunca existiu em um vácuo político-social. De maneira oposta, ele é profundamente influenciado pelas normas socioculturais, interesses políticos e entendimentos de gênero que permeiam as diferentes sociedades, e, por sua vez, também os influencia e fomenta sua adequação à norma dominante. O esporte, ao ser submetido aos termos normativos impostos pelo capitalismo, se torna uma forte ferramenta desse sistema para a manutenção do binarismo e, conseqüentemente, do patriarcado. Dessa forma, esse trabalha como uma entidade protetora da normatividade, sendo usado para desacreditar outras formas de existência, já que, em sua estrutura, essas não são contempladas. A transgeneridade, juntamente com questões médicas e corpos não normativos, abalam as estruturas tradicionais do esporte e levantam questionamentos sobre sua própria sustentabilidade em seu molde atual. É imperativa a análise - assim como o questionamento - da discutível interação entre o esporte e as normas de gênero dominantes.

Dentro desse contexto, a teoria *queer* manifesta-se como uma relevante lente analítica nos estudos relativos à noções de gênero, trazendo consigo subversões normativas que desafiam os princípios cis-binários os quais o esporte ratifica. Essa linha de pensamento, surgida nos Estados Unidos em meados de 1980, reconhece a fluidez e também a diversidade das identidades de gênero, questionando até mesmo ‘gênero’ como conceito e norma. No que tange à teoria queer, Butler (2003, p. 24) afirma que “[...] gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado”, e, a partir disso, discorre:

Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino.

Com isso em mente, pode-se concluir, a partir do prisma da teoria queer, que o esporte mantém uma disposição que não é adequada à fundamentação teórica de Butler, muito menos ao caso material, às situações concretas de vivências e identidades de gênero, pois esse é flutuante e possui centenas de nuances, assim como uma grande diversidade de identidades

particulares e por vezes fluidas. É imprescindível reconhecer que a transgeneridade não é a exceção à regra. De maneira oposta, é parte dela. A regra, nesse caso, é a pluralidade de identidades possíveis, e não o binarismo que se propaga diariamente diante de um sistema capitalista. Como afirma Nascimento (2020, p. 28), “[...] não é possível reduzir sexo a definição última de gênero, sendo ela também construída e desconstruída ao longo de sua existência por vontade do sujeito”.

Apesar de identidade de gênero e orientação sexual serem termos distintos, podemos traçar de forma completa a atuação da sexualidade e da estrutura heteronormativa dentro deste amplo contexto. Nascimento (2020, p. 32) afirma, de forma inicial, que “a lógica heterossexista impetra a divisão de gêneros pela reprodução da desigualdade social e sexual” e, dessa forma, é um fator de extrema significância no amparo e na manutenção da disposição fundacionalista na qual estamos inseridos. A sexualidade pode atuar com fortíssima influência sobre a identificação de gênero, pois, em síntese, ambas também estão relacionadas, muitas vezes, com relações sociais - amorosas ou não - e a percepção do mundo sobre o indivíduo. Uma mulher transgênero, em face às relações sociais, pode sentir maior satisfação e congruência com sua identidade ao se relacionar com um homem, por exemplo. Por sua vez, um homem transgênero pode sentir o mesmo ao se relacionar com uma mulher. Isto não é, em nenhuma hipótese, imperativo, mas é inegável a ação que a sexualidade pode desempenhar sobre percepções de gênero, principalmente atrelada a moldes heterossexistas.

Entretanto, a sexualidade não é uma entidade autônoma que por si só gera binarismos ou fantasmas sociais (Godelier *apud* Scott, 1989, p. 23). Ao contrário disso, a sociedade, com suas normas, discursos e expectativas culturais, influencia e molda as percepções e vivências diversas sobre essa. Isso significa que a compreensão da sexualidade e das identidades de gênero é profundamente enraizada nas estruturas sociais, e, como citado, exercem uma forte influência na maneira como as pessoas expressam sua sexualidade, gênero e identidade. Nesta ampla relação, “desejos reprimidos são presentes no inconsciente e constituem uma ameaça permanente para a estabilidade da identificação de gênero, negando sua unidade” (Scott, 1989, p. 16). Isto posto, salienta-se também alguns aspectos históricos deste vínculo:

Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens. Apesar do fato dos(as) pesquisadores(as) reconhecerem as relações entre o sexo e (o que os sociólogos da família chamaram) “os papéis sexuais”, estes(as) não colocam entre os dois uma relação simples ou direta. O uso do “gênero” coloca a ênfase sobre todo um sistema

de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade (Scott, 1989, p. 7).

O conceito de gênero, portanto, não é apenas uma construção social, mas também uma construção histórica. A maneira como entendemos e vivenciamos o gênero hoje é profundamente influenciada pelas normas e expectativas de gênero de nossas sociedades passadas. No entanto, é importante notar que essas normas e expectativas não são estáticas, mas sim, estão em constante evolução.

Logo, na interseção entre gênero, discurso e sexualidade, torna-se evidente como esses três elementos necessitam de ponderações profundas quanto às suas relações com o esporte. Construído a partir de noções tradicionais e rígidas de masculinidade, feminilidade e cisnormatividade,

[...] o esporte se edifica entre a necessária reiteração das normas sexuais e de gênero para que se mantenha o binarismo (funcionando misoginia/machismo como sustentáculos de apoio) e uma potencial disrupção, oferecida por corpos não conformes (Camargo; Altmann, 2021, p. 4).

O Comitê Olímpico Internacional, entidade máxima do esporte mundial, desempenha, nesse sentido, um papel crucial na formulação de categorias e políticas que afetam atletas transgênero e na forma como esses são inseridos em diversas modalidades esportivas e suas respectivas federações. Apesar desta temática soar como algo inédito, a participação de atletas transgênero nos Jogos Olímpicos é formalmente permitida pela entidade desde 2003. Entretanto, entidades esportivas ao redor do mundo, das mais diversas modalidades, continuaram - e continuam - impedindo a participação de pessoas transgêneras em competições oficiais, principalmente mulheres. Em 2023, duas federações internacionais - *World Athletics* (Federação Internacional de Atletismo); Federação Internacional de Xadrez (FIDE) - baniram mulheres transgêneras de seus torneios profissionais, sendo ambas entidades filiadas e esporadicamente financiadas pelo COI.

Essas resoluções não somente atacam a comunidade trans, mas também reafirmam um pensamento misógino de que pessoas do “sexo masculino” seriam mais rápidas (atletismo) e mais inteligentes (enxadrismo) do que pessoas do “sexo feminino”. De fato, “[...] a manutenção de posições binárias precisa de um investimento continuado e repetitivo para garantir seu status de normalidade, ou seu caráter de naturalidade” (Camargo; Altmann, 2021, p. 3) e, dessa forma, algumas entidades irão, deliberadamente e sem fundamentações, assumir essa atribuição visando a consequente manutenção estrutural e inconsciente de um sistema patriarcal, teórico-funcional, que promove a marginalização de corpos transgêneros

Entretanto, o Comitê Olímpico Internacional não toma qualquer partido acerca de despachos transfóbicos por parte de afiliados. Não combate, não repudia ou não toma qualquer espécie de atitude perante às entidades que eventualmente adotam tais posicionamentos. Ao contrário disso, o presidente do COI, Thomas Bach, faz presença amistosa e cordial em competições oficiais da *World Athletics* e ignora suas decisões controversas. Ao adotar tal postura, o regente da máxima entidade olímpica contribui para a legitimação indireta de marcos regulatórios discriminatórios. Sua postura neutra e a ausência de repúdio às entidades afiliadas que adotam práticas marginalizantes, contrárias aos princípios de inclusão e respeito preconizados pelo COI, enviam uma mensagem preocupante. Complementarmente, cabe lembrar o que a entidade representa nas discussões de gênero: em quase 130 anos de existência na era moderna, o Comitê Olímpico Internacional teve menos de dez presidentes vigentes e, não surpreendentemente, nenhuma mulher dentre eles.

Ao não tomar uma posição clara contra despachos transfóbicos, o COI, por meio de seu presidente, parece endossar indiretamente tais atitudes. Esse comportamento ambíguo mina os esforços globais em prol da inclusão e diversidade no esporte, fortalecendo, inadvertidamente, um ambiente olímpico discriminatório, e perpetuando estereótipos de gênero prejudiciais. Por certo, “[...] as entidades que dirigem e controlam fluxos de capitais e pessoas no esporte ainda não conseguiram (ou talvez não tenham interesse em) visibilizar outras subjetividades, expressões corporais e de gênero” (Camargo; Altmann, 2021, p. 2), o que se comprova nas diversas abstenções de posicionamento por parte do COI e nos regulamentos transfóbicos de outras entidades e organizações. Desta maneira, é claro traçar uma relação entre as opressões presentes em entidades esportivas e opressões presentes em outras instituições sociais, como órgãos e ambientes educacionais, que “[...] não suportam trabalhar com transexuais, pois empreendem toda uma maquinaria com vistas a estabelecer e reiterar a norma heterossexual” (Santos, 2015, p. 86).

Portanto, a complexidade dessas questões e teorizações evidenciam uma temática que transcende o âmbito esportivo e se estende à esfera dos Direitos Humanos. Pessoas transgêneras são sucessivamente impedidas de participar de atividades que, em tese, são um direito de todos, como afirma o art. 2.º da Lei 9.615/1998, a qual expõe que o desporto é um direito individual e tem como base o princípio “da democratização, garantido em condições de acesso às atividades desportivas sem quaisquer distinções ou formas de discriminação” (Brasil, 1998). Ademais, ao analisarmos essa questão adotando uma perspectiva estritamente profissional desse campo de atuação, especificamente no contexto da esfera jurídica constitucional brasileira, observamos que também ocorre a violação dos princípios

fundamentais dos valores sociais do trabalho e da livre iniciativa, assim como do artigo 170 em seu parágrafo único (Brasil, 1988). Dessa forma, é claro notar que o esporte tem como um de seus principais elementos constitutivos a desigualdade de gênero (Nascimento, 2020, p. 15) e isso continua sendo interpretado com naturalidade. Isto é, a problemática ultrapassa os limites das arenas esportivas e nos encoraja a refletir e confrontar, com a devida consciência do desafio, os impedimentos e as noções binárias e tradicionais de masculinidade e feminilidade no esporte, que já vêm sendo postas em cheque, também, por outros temas e diversidades de existência, como a hiperandrogenia, condição que também foi normatizada pelo Comitê Olímpico Internacional.

[...] a participação no atletismo da corredora sul-africana Caster Semenya, uma atleta que, diagnosticada com hiperandrogenismo, apresentava parâmetros de testosterona encontrados em corpos de homens biológicos. Apesar de ter competido na categoria feminina, sua hipermasculinização, seu autorreconhecimento como 'lésbica' e a própria condição política de um corpo dissonante (em relação às outras mulheres) ilustram uma situação que suscita reflexão. Afinal, o hiperandrogenismo fisiológico é apenas uma vantagem inata ou um tipo de doping 'natural' do corpo? Como se colocaria a condição política de 'ser lésbica' dentro de uma prova de mulheres supostamente 'heterossexuais'? E se, subjetivamente, Semenya não desejasse competir pela categoria feminina nas provas do atletismo, mas sim na masculina, ela poderia? As fronteiras entre o que se entende por 'feminino' e 'masculino' parecem borradas, e mais do que nunca, talvez estejam em xeque no esporte (Camargo; Altmann, 2021, p. 2).

A abordagem das teorias de gênero no esporte nos fornece uma base sólida para entender os desafios enfrentados por atletas transgênero, mas também nos convida a questionar a importância da concreta inclusão e aceitação desses atletas no mundo esportivo. Com base nas teorias apresentadas até o momento, fica evidente que as estruturas esportivas tradicionais são moldadas por padrões rígidos de masculinidade e feminilidade que muitas vezes excluem e discriminam atletas transgêneros, mas que também têm suas fronteiras entre si esmaecidas por diversas formas de vivências e condições individuais.

A reflexão sobre a inclusão de atletas transgêneros no esporte é de grande relevância no contexto contemporâneo. As políticas esportivas precisam evoluir para refletir a ampla diversidade de identidades de gênero e proporcionar um ambiente equitativo para que todos os atletas possam competir de forma humana, segura, justa e saudável. No entanto, isso se restringe ao nível mais modesto de inclusão, já que “[...] no espaço esportivo também há a necessidade de que as pessoas trans adquiram reconhecimento e pertencimento” (Nascimento, 2020, p. 39). Isto é, não basta apenas - de forma isolada - incluir, são necessárias atuações positivas de entidades esportivas frente aos obstáculos e discriminações enfrentadas por atletas transgêneros, pois essas propiciam melhorias na saúde mental e na performance desses,

assim como aumentam o índice de retenção de atletas trans em atividades esportivas (Kraus *et al.*, 2020), possibilitando, desta maneira, condições mais harmonizadoras para a participação destas pessoas. “[...] A lógica do poder normativo ainda explicita aspectos que revelam desigualdade de oportunidade e de competição injusta pelas capacidades materiais, técnicas, políticas, históricas, estruturais entre os países, devido a própria história da sociedade moderna” (Nascimento, 2020, p. 85).

Portanto, apesar de eventuais ações positivas do COI e suas políticas trans-inclusivas, o esporte continua sendo um ambiente extremamente violento e hostil para pessoas trans, que nunca desfrutaram das mesmas oportunidades, muito menos do mesmo bem-estar e segurança que pessoas cisgêneras experienciam nesses espaços. Ser atleta de elite em um ambiente onde se sabe, de forma inequívoca, que parte dos espectadores e dirigentes não apoiam e são contra o seu direito de praticar esportes de forma profissional na categoria correta, é um cenário penoso e desfavorável para a participação dessas pessoas e, conseqüentemente, desestimula a compreensão do esporte como uma opção de carreira a ser seguida, assim como *hobby* ou atividade física para a promoção de uma vida mais saudável.

A estrutura que possibilitaria, em parte, auxiliar essas pessoas a fim de ser elegível a participação é um recurso limitado e limitante, a saúde, o direito a vivência comunitária e social, o esporte, a assistência social, o trabalho. Tais fatores revelam uma exclusão sistemática (Nascimento, 2020, p. 86).

Como resultado, indivíduos transgêneros, principalmente mulheres (MpF), experienciam uma apreensão em relação ao universo esportivo, percebendo-o como um domínio que não se destina a sua participação, o que é, direta ou indiretamente, a ferramenta psicológica utilizada para segregar e marginalizar essas pessoas sem grandes atritos. É evidente que o medo e a falta de identificação de pessoas trans acerca do esporte mantém-nas afastadas dos estádios e ginásios, tanto como público, quanto como atleta, sendo esses dispositivos de poder e exclusão. O medo se refere a situações como a de estar em um vestiário em que sua presença nunca foi naturalizada, ou a de sofrer agressões transfóbicas dentro e fora do jogo, ou ainda às dúvidas constantes sobre a aceitação e inclusão em uma área tradicionalmente marcada por normas conservadoras. A falta de identificação se refere a sentimentos como a impossibilidade de se autovisualizar nas categorias masculinas e femininas, ou ainda a falta de identificação interpessoal.

Sumariamente, tais mecanismos de controle são empregados nos ambientes onde os corpos se deslocam no esporte, como ginásios, quadras, campos, zonas mistas, banheiros e vestiários, estendendo-se desde as áreas de circulação até as áreas de práticas e treinos

(Nascimento, 2020, p. 24). Portanto, ser transgênero no espaço esportivo é “[...] afirmar-se como alteridade e é também um ato de resistência à uma lógica totalitária” (Quinhones; Cid; Trento, 2019, p. 46).

Nada obstante, o esporte mantém-se como “uma ferramenta importantíssima para a inclusão e reconhecimento social, e não de segregação” (Silva, 2023, p. 42). Por consequência, esse é um espaço de grandíssimas reivindicações e deslocamentos sociopolíticos. “A presença dos atletas transgêneros nas arenas desportivas possui uma eficácia simbólica social que faz repensar sobre a representação desse sujeito na sociedade” (Coelho; Mourão, 2018, p. 3), assim como aconteceu com as mulheres (cisgêneras), que conquistaram seu direito de participação e, dessa forma, foram criadas modalidades femininas, o que ecoou de forma complementar no desenvolvimento de outros direitos alheios ao esporte e à percepção dessas perante a coletividade. Assim sendo, não obstante a assimilação da prática esportiva e do esporte em si como um produto cultural, identificam-se vestígios dentro desse contexto que indicam que o esporte ainda persevera como um veículo de inclusão e reivindicação dos marginalizados, em vez de ser um instrumento de discriminação. O esporte é uma força motriz para a transformação, um espaço de transgressões, e não de conformismos. Apesar de todas as adversidades, o esporte mantém sua resiliência e, fundamentalmente, seu propósito basilar e constitutivo.

3 O PAPEL DA COMUNICAÇÃO NA INCLUSÃO DE ATLETAS TRANSGÊNEROS

O mundo do esporte enfrenta um desafio significativo e, ao mesmo tempo, uma oportunidade única de deslocamentos sociopolíticos. Como dito, a tese da trans-inclusão nos esportes transcende as linhas das arenas esportivas, ecoando questões mais amplas de identidade, igualdade e respeito. Neste contexto, a comunicação emerge como uma força motriz indispensável que pode influenciar na maneira como atletas transgêneros são percebidos, aceitos e integrados no cenário esportivo global. A comunicação não é meramente um meio de disseminar informações, mas sim uma influência poderosa na construção de uma cultura esportiva inclusiva, onde todos os atletas têm a oportunidade de competir.

Dessa forma, o esporte e sua comunicação enfrentam obstáculos históricos e culturais que há muito restringem o acesso efetivo de atletas transgêneros, mas também se deparam com a capacidade de desafiar estereótipos arraigados, educar o público e influenciar significativas mudanças políticas e culturais. Os profissionais da comunicação no contexto esportivo são, certamente, eminentes narradores culturais, detendo uma quantidade significativa de influência e poder no tocante à orientação dos discursos culturais que cercam a interpretação das mais diversificadas práticas simbólicas no esporte (Whiteside, 2019). Portanto, é certo citar que a comunicação e seus agentes desempenham um papel fundamental na evolução de diversos espaços e, mais importante, posicionam-se na vanguarda dessas mudanças, abrindo caminho para constituir mais diversidade no mundo esportivo.

Sendo assim, é relevante a influência de atores comunicacionais dentro da pauta esportiva, principalmente quando pensamos que a mídia constantemente apresenta objetos e sugere o que o público de massa deve pensar e saber sobre eles, assim como quais sentimentos devem-se ter acerca do assunto (McCombs; Shaw, 1972). Portanto, comunicadores possuem a capacidade de reiterar as normas tradicionais e conservadoras que perpetuam o ambiente esportivo, assim como têm a oportunidade de questioná-las, naturalizando, dessa forma, outras formas de existência dentro da prática esportiva de elite.

Invariavelmente, os veículos de comunicação, sejam esses especializados ou não, têm de selecionar o que transmitir para o público, uma vez que seu tempo de exibição normalmente possui limitações, assim como a mídia selecionada, seja ela visual, sonora ou audiovisual. Ademais, também selecionam como, em que sequência e onde transmitir. Sendo assim, é sabidamente insustentável a tese da completa imparcialidade na comunicação, mais especificamente na jornalística, uma vez que comunicadores são submetidos à escolha do que transmitir, do que enquadrar e de que forma, frisando assim o que esses acham mais

relevantes. Além disso, esses são seres humanos e naturalmente possuem crenças e ideologias pessoais, o que influencia, mesmo que inconscientemente, suas seleções de palavras e enquadramentos visuais e/ou sonoros acerca da temática abordada, assim como a escolha de palavras e signos. Assim, a audiência entra em contato com os pontos mais destacados provenientes das diversas escolhas feitas na produção da comunicação de massa. Isso leva à assimilação e atribuição de ênfases semelhantes a certos elementos, conforme cada indivíduo constrói suas próprias agendas pessoais. (McCombs; Shaw, 1972, p. 90).

[...] A mídia, a partir das considerações do autor, em suas narrativas tendem a produzir o efeito de exclusão ou inclusão, a depender de quem ou onde origina a matéria e suas concepções de sociedade, ideologia e política. Assim, produzem narrativas dentro de suas visões de gênero, sexualidade, raça e ou etnia na perspectiva crítica ou cedem às estruturas hegemônicas (Nascimento, 2020, p. 62).

Isto é, a atividade comunicacional de enquadramento sustenta-se na seleção de alguns aspectos de uma realidade percebida pelo comunicador, fazendo-a mais evidente na peça comunicada, de maneira “a promover um problema específico, uma definição, uma interpretação causal, uma avaliação adicional e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito” (Adams, 2020, p. 14). Portanto, a existência de profissionais da comunicação - esportiva ou não - que imprimem seus implacáveis estereótipos e preconceitos em seus trabalhos, reiterando seus próprios preconceitos raciais, de gênero, sexuais e elitistas, são um verdadeiro risco para a evolução do esporte neste sentido (Thorpe *et al.*, 2023, p. 1240).

A publicidade, por seu turno, tem o poder de minar a evolução do esporte inclusivo, desviando as pessoas de seus sentidos críticos, contradizendo a necessidade de promover uma abordagem mais inclusiva e justa. Este potencial que permeia a publicidade reside em sua tendência operacional de simplificar ao máximo mensagens, pautas e retratos, por vezes reduzindo a complexidade dos temas. Isso pode ser especialmente delicado quando se trata de questões sensíveis, como a inclusão de pessoas trans em um ambiente que, não surpreendentemente, é fomentado por patrocínios de empresas que vão imprimir seus objetivos e preferências (Adams, 2020, p. 4), optando pela primazia dos lucros e pela otimização da verba investida nas campanhas. Isso tudo é significativamente mais importante do que manter o esporte como ferramenta de inclusão, segundo uma básica racionalidade mercadológica. O ato da simplificação excessiva pode resultar na perpetuação de estereótipos ou na negligência de deslocamentos importantes, comprometendo a compreensão adequada desses temas. Entretanto, é crucial ponderar sobre como essa influência, e a natureza da publicidade, não é inerentemente destrutiva, mas sim potencialmente complexa.

Com isso em mente, é imperativo reconhecer que a publicidade também tem o potencial de desempenhar um papel construtivo na evolução do esporte inclusivo e da naturalização de corpos transgêneros. A trajetória da trans-representação na publicidade abrange décadas, marcada pelo surgimento de mensagens *queer* sutis e codificadas há quarenta anos atrás, que, na década de 1990, foram descritas pelos publicitários como 'nosso segredinho' (Kohli, 2023). Ou seja, ao compreender as armadilhas associadas a abordagens simplificadoras, é possível adotar estratégias comunicacionais mais conscientes e inclusivas, sendo, de fato, disruptivas. Como exemplo, podemos apontar algumas campanhas mais recentes que estrelaram pessoas trans ou abordaram a temática de forma positiva, como a Shell, que ineditamente deu espaço e voz a uma caminhoneira transgênero, e a Dailus, que protagonizou em suas peças a atriz e *youtuber* Thiessa Woinbackk (Araujo, 2020). No campo esportivo, podemos apontar a Nike e a Adidas, que vêm igualmente inserindo personalidades trans em suas campanhas, com frequência. “Apesar de serem frequentemente alvos de críticas feitas por *trolls* online e figuras públicas conservadoras, suas campanhas publicitárias não mostram sinais de abrandamento na trans-representação, e continuam a sinalizar apoio” (Kohli, 2023, tradução própria⁸). É notável que os casos apresentados aparentam simbolizar uma maturação da pauta e um maior reconhecimento da comunidade trans.

Figura 1 – Campanha da Adidas estrelando Tiffany Abreu



Fonte: Disponível em

<<https://www.mktesportivo.com/2021/04/com-tiffany-abreu-adidas-lanca-nova-campanha-global/>>. Acesso em 29/11/2023.

⁸ No original: “Despite often being the targets of criticism from online trolls and conservative public figures, advertising shows no sign of slowing down in trans representation and continues to symbolize allyship”.

Entretanto, ao observarmos o cenário publicitário, torna-se pertinente notar que empresas consolidadas – como as mencionadas nos exemplos – desfrutam de uma posição sólida no mercado, o que lhes permite ousar em campanhas mais arriscadas e disruptivas. Em contrapartida, é evidente que anunciantes de menor porte encontram-se em uma posição mais vulnerável, dependendo, muitas vezes, de um público que pode ser afastado pela veiculação de campanhas em apoio à inclusão de pessoas trans. Ou seja, a forma de funcionamento da publicidade, do capitalismo e de seu mercado gera temor aos anunciantes, que zelam pela imagem da empresa, pela reputação com o público-alvo e principalmente pelo seus lucros, o que acaba dificultando ainda mais a percepção e a prática do esporte como dispositivo inclusivo e de deslocamentos sociopolíticos.

O esporte se mostra como um dos únicos e mais significativos meios de ascensão dos flagelados do mundo, e essa, ao ser transformada em mera mercadoria, passa a atender quase exclusivamente os interesses de entidades privadas, que possuem como sustentáculo o capitalismo – o qual dita o que é ‘normal’ e o que é ‘patológico’ no esporte e em vários outros espaços – muitas vezes preferindo, por conta disso, não se envolver com assuntos polêmicos para não afetar a percepção do público perante seu próprio negócio. Em linhas gerais, a publicidade tipicamente “existe em função de alguma instituição que se define como empresa ou indústria produtiva” (Pompeu, 2022, p. 4), principalmente quando usada única e exclusivamente dessa forma. Essa dinâmica torna o publicitário em um exímio equilibrista de interesses, o que explica a complexidade deste vínculo entre publicidade, esporte e transgeneridade, já que “no capitalismo, a comunicação e o conhecimento são organizados na forma de mercadorias culturais que são vendidas no mercado para acumular capital” (Fuchs, 2020, p. 348, tradução própria⁹).

Em outras palavras, o capitalismo “utiliza os sistemas de opressões para reafirmar a sua manutenção de poder” (da Silva Júnior, 2022, p. 28). Ainda que existam esforços de imprimir e incentivar os conceitos de responsabilidade social e ambiental na esfera corporativista, dirimindo desigualdades e segregações, não são frequentes atitudes positivas de empresas anunciantes nesse sentido, pois essas possivelmente vão atrelá-las a polêmicas, e isso é frequentemente incompatível com a natureza capitalista dessas instituições, que temem por suas reputações. Nesse sentido, Oshiro (2014, p. 22) ressalta que

⁹ No original: “In capitalism, communication and knowledge are organised in the form of cultural commodities that are sold on the market in order to accumulate capital”.

Reputação seria uma normativa de controle das organizações e de manutenção de ativos, definida por regras para manter o controle dos discursos, da comunicação, percepções, valor e definir parâmetros de julgamento nas relações no novo capitalismo imaterial cognitivo.

É também imperativa a reflexão acerca das próprias entidades midiáticas e agências publicitárias, que possuem o pleno potencial de serem protagonistas nesse período histórico de reivindicações da comunidade trans e LGBTQIAPN+ no esporte de alto rendimento. Por meio de uma gestão disruptiva, profissionais bem educados e uma missão institucional que se alinhe verdadeiramente aos valores desportivos representados na célebre Carta Olímpica, que são democráticos e, em tese, sem desigualdades, é possível construir um ambiente mais confortável para pessoas trans, por meio de uma comunicação engajada e comprometida com a pluriversalidade social, que naturaliza seus corpos naqueles espaços para além da política da representatividade de cota única e para além da inclusão de profissionais trans em níveis hierárquicos subordinados, como políticas que permitam o acesso e a permanência, inclusive, em cargos de gestão. Dessa forma é possível exercer uma comunicação libertadora, representativa, que afete positivamente a percepção dos consumidores e entusiastas esportivos perante a presença de atletas trans, que é absolutamente fundamentada por ao menos dois princípios presentes na Carta Olímpica:

A prática do desporto é um direito do homem. Todo e qualquer indivíduo deve ter a possibilidade de praticar desporto, sem qualquer forma de discriminação e de acordo com o espírito Olímpico, que requer entendimento mútuo, com espírito de amizade, solidariedade e fairplay. [...] Toda e qualquer forma de discriminação relativamente a um país ou a uma pessoa com base na raça, religião, política, sexo ou outra é incompatível com a pertença ao Movimento Olímpico (Comitê Olímpico Internacional, 2012, p. 25).

Entretanto, agências corporativas de comunicação operam a partir de uma lógica capitalista e se submetem ao processo ‘natural’ de crescimento no mercado. Quando falamos de agências publicitárias, é ainda mais notório o fato de que essas se alinham das mais diversas maneiras a motivações estritamente monetárias ou mercadológicas e principalmente às empresas contratantes, que por vezes passam a ser vislumbradas como uma espécie de entidade intocável ao se tornarem clientes. Pompeu (2022, p. 3), ao discorrer especificamente sobre publicidade, evidencia suas origens históricas e aponta que

o fato de a publicidade ter se estabelecido como atividade profissional em meados do século XIX, como solução comunicacional aos anseios, não diretamente das pessoas, mas da indústria – que precisava informar seus novos produtos, diferenciar

suas marcas, fazer aumentar a demanda, enfim, incitar o consumo –, faz com que seu entendimento na contemporaneidade deva passar obrigatoriamente pelas questões econômicas e sociais com que ela está obrigatoriamente articulada.

É notória a submissão dessas agências aos interesses dos anunciantes, principalmente quando essas são novas no mercado local ou precisam atingir um objetivo mercadológico ou financeiro. Não existe benefício palpável em colocar a empresa de seu cliente em meio a polêmicas profundas e políticas. Esse movimento acaba deixando em segundo plano responsabilidades para com o esporte e seu intuito basilar. A não ser que uma agência publicitária, por exemplo, tenha como missão/valor uma comunicação libertadora e enfrente as consequências que isso pode acarretar, não existe incentivo concreto para essa imprimir pautas polêmicas nos trabalhos em conjunto com seus contratantes.

Logicamente, partindo desse raciocínio prático que contamina agências de comunicação (principalmente publicitárias), também não há motivo suficiente para a gestão preparar e educar seus comunicadores acerca da pauta da transgeneridade, muito menos para levar em consideração a sensibilidade que futuros contratados venham a apresentar acerca da pauta e do assunto. Não há motivação também para educar ou incentivar mudanças em comunicadores antiquados, que exprimem ideias e pensamentos que vão contra as grandes reivindicações e a presença de corpos transgênero no esporte, já que esses por vezes cativam um público preconceituoso como ninguém, e isso, na lógica capitalista, é objetivamente mais interessante para os objetivos financeiros daquela instituição, do que pensar a prática esportiva como dispositivo de inclusão e espaço de deslocamentos.

Em contrapartida, existem empresas de comunicação que defendem suas pautas e responsabilidades sociais abertamente, o que também acaba funcionando como uma estratégia para atrair clientes que estejam alinhados com esses valores, e que também os exprimem de forma clara, por vezes fazendo parte da própria identidade e posicionamento da marca. Existe, nesse caso, a preocupação com o preparo e o alinhamento de seus profissionais. Faz-se necessária uma reflexão ativa por parte dos consumidores e dos próprios profissionais de comunicação acerca da diligência com as causas que essas corporações adotam como responsabilidade. Também não é benéfico para as comunidades marginalizadas a apropriação de pautas sérias, sociopolíticas e reivindicatórias, por parte de agências midiáticas. Esse movimento subverte causas sérias em uma simples estratégia para ganhar mais dinheiro, dessa vez de pessoas marginalizadas. Essa prática é devidamente descrita, catalogada e denomina-se *pink wash*, que pode ser caracterizada como a atividade de “apropriar-se das causas da

comunidade LGBTQIAPN+ com o único intuito de lucrar, sem a existência de comprometimento real com o movimento” (da Silva Júnior, 2022, p. 46).

Portanto, em linhas gerais, experienciamos uma realidade na qual existe uma comunicação preconceituosa e deslegitimadora, mas, em contrapartida, também é possível observar a existência de uma comunicação responsável e representativa, que reclama uma reflexão mais atenta à forma que essas pautas são incorporadas no posicionamento da agência e de seus produtos/peças, assim como ao motivo de tal incorporação, atentando-se à legitimidade dessa apropriação.

Tal dicotomia expôs-se de forma clara nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2021. Neles, jornalistas tiveram de certificar-se, pela primeira vez, acerca dos pronomes de alguns atletas transgêneros que participaram da edição (Capuano, 2021). Como exemplo, tiveram que utilizar termos contrários à binariedade para se referir à Alana Smith, skatista profissional que se identifica como uma pessoa não-binária. Muitos profissionais se mantiveram extremamente respeitosos e, em eventuais erros, corrigiam-se imediatamente após o equívoco, demonstrando uma postura muito responsável e polida. Outros comunicadores, por seus turnos, erraram repetida e incessantemente os pronomes de Alana, invalidando sua identidade e reiterando o binarismo que contamina há tempos as estruturas sociais e, especialmente, as esportivas.

Portanto, ainda hoje é possível notar e apontar diversos erros e agressões à comunidade trans em peças e trabalhos comunicacionais (ainda que, em tese, sejam positivos acerca do assunto) e como isso é um reflexo de uma comunicação que por tempos foi irresponsável, caricata e inadequada acerca da representação de corpos trans na mídia. Billard (2016, *apud* Adams, 2020, p. 14), em um amplo estudo o qual tomou jornais estadunidenses como objetos analíticos, apontou que, quando esses representavam pessoas transgênero, “continham uma quantidade significativa de linguagem deslegitimadora” e revelou que essas firmavam-se repetidamente em quatro padrões de desvalidação e agressão: “Se referir pelo nome ou gênero errado, retratar sua identidade de maneira inadequada, recorrer ao clássico estereótipo do 'enganador' transgênero e sexualizar corpos trans”.

A importância da validação e do uso dos pronomes corretos se ampara em uma representatividade extremamente relevante para a percepção de pessoas trans acerca do esporte como um lugar seguro e válido para elas. Reconhecer, respeitar e utilizar os pronomes escolhidos por atletas transgêneros não é apenas um ato que afirma suas identidades de gênero, mas também envia uma mensagem fundamental de aceitação e inclusão. O uso de pronomes corretos por comunicadores é uma questão de linguagem, que é diretamente atrelada com relações de poder, podendo contribuir para relações desiguais ou relações

horizontais, mas também é uma demonstração de respeito, apoio e validação. Isso permite que os atletas transgêneros se sintam valorizados em seu ambiente esportivo, ajudando a construir uma atmosfera de diversidade, o que é essencial para o bem-estar psicológico desses atletas.

Quando a mídia esportiva falha em usar os pronomes corretos e respeitar a identidade de gênero dos atletas, isso não apenas os desumaniza, mas também perpetua preconceitos e estereótipos prejudiciais. Isso pode ter sérios impactos negativos na autoestima, confiança e motivação dos atletas transgêneros, tornando o esporte um lugar hostil e excludente. Nascimento (2020, p. 63) ressalta que “[...] as narrativas midiáticas conservadoras podem também tendencialmente apelar a discursos para normalizar e justificar a exclusão de pessoas trans dos esportes”.

Faz-se necessário apontar que “atletas trans-femininas são representadas, no geral, de formas mais negativas em imagens, manchetes e na escrita de matérias, quando comparadas a atletas trans-masculinos” (Adams, 2020, p. 49). Matérias que representam corpos trans femininos tendem a focar na polêmica e no dispositivo da transgeneridade, ao invés de enfatizar a atleta como profissional ou ser humano. Essas também tendem a incluir comparações biológicas entre o corpo ‘feminino’ e ‘masculino’, incluindo comparações hormonais (destaque à testosterona) e ósseas (ou estruturais), enfatizando o quanto homens são tipicamente mais fortes e mais rápidos do que mulheres (Adams, 2020, p. 49), fomentando ainda mais uma discussão desfundamentada e presunçosa.

Portanto, independente do campo comunicacional, é evidente que diversos ajustes são necessários para promover uma comunicação mais coerente e humana. Adams (2020, p. 49) aponta que é

imprescindível que a mídia empreenda esforços adicionais a fim de assegurar uma representação equitativa de atletas transgêneros em todos esses canais, com o propósito de garantir que os espectadores sejam providos com uma representação precisa e imparcial desses atletas.

É fundamental que as organizações comunicacionais e seus comunicadores sejam proativos na promoção de uma cultura esportiva de inclusão e igualdade. A utilização de signos, conceitos e palavras positivas nos discursos e peças comunicacionais acerca da participação de pessoas trans no esporte se mostra como um passo importante para esse objetivo, pois “estão na função mediadora do signo todas as melhores possibilidades de se produzir uma publicidade que efetivamente possa transformar a sociedade” (Pompeu, 2022, p. 13 e 14). É igualmente importante a inserção de protagonistas trans nessas peças, como aponta Pompeu (2022, p. 16):

Quando uma peça publicitária qualquer apresenta como protagonistas da ação – portanto como concretização mais evidente das graças, dos benefícios e de tudo de melhor que o consumo do produto que está sendo anunciado pode proporcionar – uma família de negros, pessoas trans, casais homoafetivos, homens e mulheres de perfis estéticos diversificados, está fazendo entender que todas essas pessoas, por estarem consumindo, são dignas dos valores que hoje no consumo se circunscrevem.

Também é evidente (e urgente) a responsabilidade que as entidades midiáticas e/ou publicitárias esportivas têm de tomar para si, educando e conscientizando seus profissionais sobre as questões de identidade de gênero e diversidade, para que possam desempenhar seu papel de forma responsável e humana, imprimindo estes valores no que vierem a comunicar.

Entretanto, a partir destas análises preliminares, é nítido notar que a sujeição do fazer comunicacional ao capitalismo – em especial o publicitário – impede-o, com frequência, de ser verdadeiramente libertador. Nesse sentido, Leite (2022, p. 23) elucida que “o negócio publicitário e seus sentidos não são adequadamente observados em suas potencialidades para além da dinâmica mercadológica”. Ou seja, o vínculo entre a comunicação e o capitalismo gera inúmeras amarras ao comunicador, pois, nessa conjuntura, “tanto a atividade publicitária como o jornalismo corporativo não estão comprometidos com o esclarecimento cultural e a emancipação cultural das massas” (Bittencourt, 2016, p. 32). Ainda que muitas campanhas publicitárias e peças jornalísticas venham focando positivamente em pautas sociais e na própria diversidade, essas tipicamente servem um propósito comercial, gerando fenômenos repreensíveis como o *pink wash*.

3.1 A comunicação e a desnaturalização da prática esportiva no imaginário de pessoas transgênero

Em uma conjuntura capitalista, na qual a Comunicação se mostra titular de um grande poder persuasivo e arbitrário, cabe ponderar a provável influência que essa exerce na construção da cultura identitária dos atletas transgêneros no contexto esportivo. É possível, de fato, vislumbrar o esporte como um caminho verdadeiramente viável sendo uma pessoa transgênera média? É possível ter o sonho de ser atleta sendo uma mulher trans? “A mídia é parte da estrutura que produz e reproduz a cultura. Seus efeitos atravessam os sujeitos, as instituições, neste sentido, esportes, atletas, técnicos/as, espectadores/as e toda a economia esportiva” (Nascimento, 2020, p. 61). Portanto, a forma que a mídia retrata corpos transgêneros exerce uma relação direta com a identidade dessas pessoas. Não se vislumbrar

em absolutamente nenhum artefato comunicacional é o mesmo que não se sentir digno de valores olímpicos desportivos.

Segundo Adam (2008, p. 18, tradução própria¹⁰), o teórico James Carey entende que a “[...] comunicação envolveria tanto uma visão ritual quanto uma visão de transmissão, e que, para que uma sociedade moderna exista, ambas as formas de comunicação devem estar em jogo”. Essa percepção fundamenta a teoria ritualística, de sua própria autoria, que exerceu significativas influências no campo teórico de comunicação estadunidense, embora tenha incorporado consideravelmente importantes princípios e preceitos teóricos da Escola Canadense (Bastos, 2010, p. 244).

Compreender o fazer comunicacional a partir de um prisma ritualístico multifacetado possibilita uma análise da problemática estrutural que marginaliza corpos trans no âmbito esportivo. A reiteração diária de normas binárias no âmbito esportivo através da mídia é uma forma de ritual, que perpassa a ideia do que é ‘normal’ no esporte, de geração em geração, através da comunicação. Mais que isso, as repetitivas representações inadequadas de atletas transgêneros e o ato de relacioná-los com polêmicas vazias também é uma forma de ritual, assim como a falta de representação desses, que naturaliza a segregação e o impedimento desses indivíduos em espaços esportivos.

A comunicação ritualística não se direciona para a expansão de mensagens no espaço, mas sim para a manutenção da sociedade ao longo do tempo; não é o ato de transmitir informações, mas a representação de crenças compartilhadas (Carey, 2008, p. 15, tradução própria¹¹).

Assim, a identidade de atletas trans permanece pautada em controvérsias, alimentando suposições de vantagens indevidas, enfrentando violência e zombarias em meio ao aparelhamento do medo, especialmente pelas forças do capitalismo, que utilizam o temor como uma ferramenta de censura. Além disso, esta lamentável realidade também é um reflexo da conformidade de muitos comunicadores e órgãos de mídia, que se inclinam a reproduzir discursos excludentes e marginalizadores. A postura de evitar tópicos polêmicos é o próprio ritual em curso, reiterando uma visão de mundo limitada em uma atividade que é infestada por processos ritualísticos e reiterações de percepções diversas.

¹⁰ No original: “[...] communication involved both a ritual and a transmission view and that for a modern society to exist both forms of communication would be at play”

¹¹ No original: “The ritualistic view of communication is directed not toward the extension of messages in space but toward the maintenance of society in time; not the act of imparting information but the representation of shared beliefs.

A visão ritualística da comunicação se concentrará em uma gama diferente de problemas ao examinar um jornal. Ela verá, por exemplo, a leitura de um jornal menos como o envio ou a obtenção de informações e mais como ir a uma missa, uma situação na qual nada de novo é aprendido, mas que uma visão particular do mundo é retratada e reiterada. A leitura e escrita de notícias são atos ritualísticos e, além disso, dramatizados. O que é apresentado diante do leitor não é pura informação, mas uma representação das forças concorrentes no mundo (Carey, 2008, p. 16, tradução própria¹²).

Portanto, vislumbrar a comunicação para além da transmissão de mensagens é crucial para compreendermos as raízes dos diversos discursos excludentes que são incansavelmente perpetuados pela mídia e a publicidade tradicional, de uma forma natural, que dispensa o pensamento crítico do receptor. O fenômeno do receptor ativo ganhou ainda mais força com a ampliação dos meios de comunicação online e das redes sociais. Esses meios proporcionaram aos receptores um poder maior de resposta e interatividade.

No entanto, essa capacidade está limitada ao que os receptores percebem como questionável, algo que não está estabelecido como naturalmente ideológico ou opinativo. Isso, é claro, a menos que os elementos constitutivos desses pensamentos sejam rompidos ou confrontados diretamente. Questões tão profundamente enraizadas no senso comum e no imaginário coletivo das civilizações, como gênero, raramente são questionadas pelo receptor comum, que utiliza seu poder, voz e racionalidade para refletir sobre assuntos que a mídia apresenta como 'discutíveis': política, esporte, arte, história e outros campos 'abertos para discussão'. “Se a mídia não nos diz nada sobre um tópico ou evento, então, na maioria dos casos, esse tópico ou evento simplesmente não existe em nossas agendas pessoais” (McCombs; Shaw 1972, p. 93). A própria presença de atletas trans é um tema exposto ao público como merecedor de reflexão, mas o gênero, como uma noção binária e 'científica', permanece intocado.

Assim, refletir sobre uma comunicação anti-ritualística é imperativo, mas é também um caminho a ser desbravado, que precisa amadurecer. Quando o ato de romper o ciclo ou inutilizar o ritual é realizado por comunicadores sem conhecimento ou vínculo com a causa, apenas seguindo um roteiro pré-determinado para atender a códigos de posicionamento de marca e responsabilidade social, visando maiores lucros e a implementação de estratégias mercadológicas de contratantes ou da própria instituição de comunicação, esse ato também se torna um ritual em si. Esse ritual segue padrões previsíveis, representando atletas trans de

¹² No original: “A ritual view of communication will focus on a different range of problems in examining a newspaper. It will, for example, view reading a newspaper less as sending or gaining information and more as attending a mass, a situation in which nothing new is learned but in which a particular view of the world is portrayed and confirmed. News reading, and writing, is a ritual act and moreover a dramatic one. What is arrayed before the reader is not pure information but a portrayal of the contending forces in the world”.

maneira genérica, sem considerar as inúmeras nuances de existência e as lutas que carregam em sua identidade de gênero.

Discorrendo especificamente acerca do fazer publicitário, Piratininga (1994, p. 21) ressalta que

Ninguém pode esquecer, por um momento sequer, que a publicidade comercial, mesmo ideologicamente engajada em divulgar valores éticos e morais de comportamento, tem por função objetiva e primordial informar as características deste ou daquele produto ou serviço, de forma a promover a sua venda, pois para isso ela é paga.

Ou seja, na conjuntura apresentada, uma comunicação anti-ritualística é, paradoxalmente, uma comunicação ritualística quando operada a partir de uma lógica capitalista e burguesa. Em outras palavras, quando comunicadores tentam ser contrários à essa lógica em um sistema que valoriza, acima de tudo, o capital, acabam focando demasiadamente nos signos que são, atualmente, atrelados à transgeneridade, como lutas, dificuldades, superações e a própria transição de gênero, até mesmo pela necessidade de simplificação que vêm com as limitações de mídia e tempo de exibição. Isso confina a comunidade trans a pautas que só existem por conta do próprio ritual que está tentando ser quebrado. Isso é ainda mais evidente quando campanhas desse tipo são veiculadas somente em períodos específicos, como o mês do orgulho LGBTQIAPN+, atrelando uma extraordinariedade às pessoas transgêneras.

Este paradoxo é efetivamente contornado quando empresas, como *Nike* e *Adidas*, espontaneamente inserem atletas e personalidades trans em suas peças de comunicação, sem qualquer contexto especial, e focam em atributos que não se relacionam, necessariamente, com os elementos contemporâneos que caracterizam a transgeneridade e seu contexto dificultoso. Além disso, é possível observar que essa pauta não é uma mera estratégia e não faz parte da identidade da empresa em si. Ademais, a atitude de manter o apoio à causa apesar dos ataques sofridos demonstra um comprometimento real com a trans-inclusão. Ou seja, nesse caso, existe um reconhecimento verdadeiro das reivindicações feitas pela comunidade transgênera e, por se tratar de uma pauta diretamente relacionada com o seu mercado de atuação, há uma assunção concreta, por parte dessas empresas, da responsabilidade que essa luta traz consigo.

Isto é, passos em direção a um fazer comunicacional humano, sensível e inclusivo são quase sempre dignos de grandes incentivos, mas nem sempre são, de fato, disruptivos, compromissados e agregadores. “O capitalismo que perpetua o cisheteropatriarcado, oprimindo as identidades LGBTQIAPN+, é o mesmo que busca lucrar com o poder de

compra dessa comunidade, muitas vezes sem verdadeiro compromisso” (da Silva Júnior, 2022, p. 49) e, por isso, cabe o alerta. A insistência na transmissão de uma mensagem vazia, artificial e repetitiva de inclusão, que não afronta opiniões contrárias e não estimula, de fato, a reflexão profunda sobre o axioma não natural intrinsecamente relacionado aos conceitos de gênero, não representa uma atitude realmente disruptiva por parte daquela instituição. Não há comunicação anti-ritualística sem embate ao opressor - ou ao conceito que oprime.

Não se trata simplesmente de dar visibilidade a este ou àquele público socialmente marginalizado, minoritário ou minorizado, como pode parecer. Também não se está falando aqui apenas de se naturalizar no discurso publicitário o que, aos olhos de muitos – olhos acostumados por esse mesmo discurso, aliás –, pode parecer exceção. Trata-se, efetivamente, de entender a publicidade como agente transformador de realidades, prenhe portanto de poderes e responsabilidades (Pompeu, 2022, p. 16 e 17).

Há de se considerar a todo e qualquer momento que não existe comunicação *aideológica*, pois naturalmente toda comunicação atende e serve o propósito de determinados grupos sociais. Nesse sentido, existem dois amplos agrupamentos, como determinou Marx e Engels (1998, p. 26): “A sociedade divide-se cada vez mais em dois grandes campos inimigos, em duas classes que se opõem frontalmente: burguesia e proletariado”. Sob essa perspectiva, também é possível considerar que “a comunicação é o processo de produção da sociabilidade, das relações sociais, dos grupos, das organizações, dos sistemas sociais, das estruturas e das instituições dos seres humanos” (Fuchs, 2020, p. 342, tradução própria¹³). Portanto, ao considerarmos que a opressão enfrentada por pessoas trans tem sua raiz na imposição de papéis de gênero rígidos (Caldwell, 2017) — o que se relaciona diretamente com as dinâmicas da comunicação — surge, então, um interesse inevitável na perpetuação dessas estruturas sociais, que são caracterizadas por evidentes marcadores como segregação e desigualdade, desempenhando um papel fundamental na preservação do atual sistema capitalista. Essa defesa é feita através de meios comunicacionais, pela própria burguesia, que detém os grandes veículos midiáticos. Ou seja, aqueles que controlam os meios de comunicação os utilizam para promover a manutenção do capitalismo, tendo a reiteração dos papéis de gênero imaginários como um meio de atingir esse objetivo.

¹³ No original: “Communication is the process of the production of humans' sociality, social relations, groups, organisations, social systems, structures, institutions”.

Conseqüentemente, a cis-heteronormatividade e o binarismo de gênero são institucionalizados, tendo suas naturezas violentas propagadas, ajudando a manter corpos não normativos à margem da sociedade, nesse caso, especificamente, no contexto esportivo. Tendo em vista que “o marxismo não aceita que a nossa biologia seja o nosso destino” (Caldwell, 2017) e que as ideias de Marx representam uma força contrária à toda lógica capitalista, é possível observar que existe um interesse em combater tudo que compõe essa corrente ideológica — e a transgeneridade é reconhecida e valorizada em grande parte das correntes marxistas. Vale reiterar que a prática esportiva é um dos únicos meios de ascensão social na contemporaneidade, o que abre brechas para diversas reflexões acerca do sistema econômico predominante.

Ou seja, é de grandíssima importância reconhecer que, para o capitalismo, além da propriedade privada, existem outras estruturas sociais cruciais que desempenham um papel significativo na sua manutenção. Estas incluem a exploração da classe trabalhadora no geral, estabelecendo divisões econômicas na sociedade, bem como o sistema cisheteropatriarcal, que cria divisões com base em gênero e orientação sexual (da Silva Júnior, 2022, p. 22). A partir disso, é lógico vislumbrar a comunicação ritualística, nesse sentido, como o emprego repetitivo de esforços para proteger os interesses da classe que controla os meios de comunicação - aqueles que servem e se beneficiam com o sistema capitalista, que se favorecem com a desigualdade de gêneros, com o patriarcado e com todas as crenças que estão sendo propagadas e reiteradas diariamente nas grandes mídias, incluindo as que marginalizam, violentam, adoecem e assassinam pessoas trans.

Em síntese, para avançarmos na promoção de uma comunicação positiva e verdadeiramente inclusiva no contexto esportivo, é muitíssimo claro que esforços devem ser empreendidos nos mais diversos sentidos, especialmente na quebra de um ciclo vicioso de sujeição ao capital, de servidão aos interesses de empresas e de obediência a um sistema econômico que se mostra cada vez mais falho e opressor. É igualmente importante reconhecer que a responsabilidade não recai apenas sobre comunicadores e organizações de mídia, mas também sobre as próprias instituições esportivas e as entidades reguladoras. Isso implica uma mudança sistêmica e institucional, que começa com a concreta (e clara) disseminação - e criação, caso não existam - das políticas e diretrizes que garantem a igualdade de oportunidades, o acesso à prática esportiva para atletas trans e a proteção ao direito desses, além da concreta inserção de representatividades trans em artefatos de comunicação institucional.

Entretanto, é fundamental apontar que disrupções genuínas dessa lógica por meio da comunicação, ainda que operando em um sistema capitalista, são muito valiosas para a luta trans-inclusiva. Essas simbolizam um avanço concreto da pauta e o reconhecimento das reivindicações feitas pela comunidade transgênera. Existe um crescente entendimento de que “a questão não é perguntar por que existem pessoas trans, mas defender incondicionalmente o pleno direito à sua identidade de gênero” (Caldwell, 2017). Ainda que não exista consumo consciente em um sistema tão predatório e opressor, é importante reconhecer os avanços e as boas práticas comunicacionais acerca da nossa comunidade. As pessoas que trabalham para isso são notórias aliadas e continuam, dia após dia, usando sua força de trabalho para lutar contra a marginalização do povo transgênero, o que se reflete nas inúmeras peças que vêm sendo, cada vez mais, veiculadas por grandes empresas.

Isto significa que, independentemente das repercussões que a pauta venha a acarretar, é fundamental, urgente e humanitário um posicionamento nítido e firme de defesa dos direitos desportivos transgêneros, por parte de toda e qualquer entidade que venha a produzir comunicação relacionada a esporte, além de ser basilar para qualquer fazer comunicacional que pretenda ser trans-inclusivo. De forma complementar, dentro deste posicionamento devem haver lutas que, diariamente, também perpassam corpos transgêneros, como lutas antirracistas, anticapacitistas, anti-xenofóbicas, entre outras. Ademais, a educação e a conscientização devem ser uma parte essencial desse processo, tanto para os comunicadores quanto para os profissionais do esporte, a fim de combater preconceitos conhecidamente intrínsecos ao ambiente esportivo e promover uma cultura de respeito e aceitação no esporte como um todo. À medida que mais atletas transgêneros ganham visibilidade, são devidamente valorizados e quebram barreiras no esporte, é crucial que suas vidas e suas histórias sejam contadas de maneira apropriada, autêntica e que suas identidades de gênero sejam respeitadas, mas que não sejam, de forma alguma, a única pauta acerca de sua existência e sua trajetória.

4 SÉRIE IDENTIFY: DESCONSTRUINDO MENSAGENS

Este capítulo de análise concentra-se na série ‘*Identify*’, estreada em 2017, veiculada no site do Comitê Olímpico Internacional e em seu canal hospedado no *YouTube*, denominado ‘*Olympics*’. A série, que aborda questões de transgeneridade no âmbito esportivo, oferece uma lente única para examinar a comunicação das políticas trans-inclusivas propostas pelo COI. Essa produção se destacou em meio à ausência do debate trans-inclusivo na comunicação cotidiana da entidade olímpica. Cada episódio apresenta narrativas autênticas e emocionantes, que oferecem uma visão íntima da jornada de cada atleta em sua busca pela igualdade e inclusão no cenário esportivo internacional.

Além de fornecer um retrato detalhado das histórias individuais dos atletas, ‘*Identify*’ também exalta e discorre sobre as novas (no contexto de 2017) políticas e diretrizes estabelecidas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) em relação à participação de atletas transgêneros nos Jogos Olímpicos e competições internacionais. A série destaca os desafios enfrentados pelos atletas transgêneros no que diz respeito à elegibilidade, reconhecimento de gênero e acesso equitativo às oportunidades esportivas.

Ao longo deste capítulo, mergulharemos nas profundas teias de mensagens presentes em *Identify*, explorando narrativas, signos e significados que compõem o tecido comunicativo da série, na busca por uma compreensão mais aprofundada e contextualizada da disseminação de políticas trans-inclusivas.

O canal *Olympics* não é unicamente um palco para celebração de eventos esportivos e grandes momentos da história olímpica, mas é também um catalisador de conversas importantes, de deslocamentos e da conscientização da comunidade esportiva. Exploraremos como o COI, por meio deste canal, assume o papel de veículo de mudança ao apresentar a série *Identify*. Analisaremos as escolhas de produção, os discursos, as mensagens subjacentes e o impacto potencial dessa incursão no público e no campo de debates acerca do tema.

4.1 Panorama das Políticas Trans-inclusivas do Comitê Olímpico Internacional

A pauta da transgeneridade no mundo esportivo tem uma trajetória repleta de conquistas, controvérsias e transformações ao longo da história. Desde os primeiros casos de atletas transgêneras, como a tenista Renée Richards nos anos 1970, até os debates contemporâneos sobre a participação de atletas trans e a concreta participação desses nas Olimpíadas de 2021, o esporte se tornou um palco para a discussão acirrada sobre identidade

de gênero e os direitos de pessoas trans, colocando estes corpos como objeto centrais de polêmicas vazias. Nesse contexto dinâmico, o COI emerge como um protagonista central na elaboração das regras e critérios que definem a elegibilidade de atletas trans nos Jogos Olímpicos e outras competições internacionais.

Ao longo das décadas, as políticas trans-inclusivas do COI passaram por significativas revisões, refletindo não apenas avanços científicos, mas também as mudanças sociais e a crescente conscientização sobre a diversidade de gênero. Em 2003, em um movimento histórico, o COI estabeleceu as primeiras diretrizes para a inclusão de atletas trans, exigindo cirurgia de redesignação sexual, terapia hormonal e mudança legal de gênero (Comitê Olímpico Internacional, 2003). Essas demandas foram objeto de intensas críticas, sendo consideradas discriminatórias e agressivas, impondo procedimentos que ainda hoje são inacessíveis, em especial para uma comunidade tão marginalizada. Antes deste marco, durante um longo período, o COI esteve envolvido na regulação das categorias de gênero no esporte, implementando testes de sexo em todas as atletas olímpicas do sexo feminino de 1968 a 1998 (Sykes, 2006).

O Consenso de Estocolmo, ou alguma versão dele, foi posteriormente adotado por várias federações esportivas internacionais específicas, muitas das quais realizam eventos tanto nas Olimpíadas de verão quanto de inverno. Importante destacar algumas dessas: a Federação Internacional de Atletismo Amador (IAAF) para Atletismo, a Federação Internacional de Tênis e a Associação de Comissões de Boxe. No entanto, algumas ainda continuaram exigindo a participação com base na certidão de nascimento, como a Federação Internacional de Voleibol (Genel, 2017, p. 12, tradução própria¹⁴).

Em 2015, o COI revisou suas diretrizes, eliminando a obrigatoriedade da cirurgia e da mudança legal de gênero, estabelecendo apenas alguns parâmetros para o tempo de processo transsexualizador e para os níveis de testosterona das atletas trans femininas, além de ter excluído qualquer demanda para atletas trans masculinos (Comitê Olímpico Internacional, 2015). Essa atualização foi vista como um avanço na promoção da diversidade e igualdade no esporte, mas é fundamental destacar que avanços como esse se dão mediante à pressões e esforços de comunidades, muitas vezes do sul global, que conseguiram humanizar minimamente o sistema capitalista no qual estamos inseridos. Entretanto, este novo marco

¹⁴ No original: “The Stockholm Consensus, or some version of it, was subsequently adopted by a number of the sport-specific international federations, many of which conduct events within the summer and winter Olympics. Importantly, these include the International Amateur Athletics Federation (IAAF) for Track & Field, the International Tennis Federation, and the Association of Boxing Commissions. Some still require participation based on birth certificate, such as the Federation Internationale de Volleyball”.

também acabou gerando controvérsias sobre a alegada vantagem competitiva das atletas trans femininas em relação às cisgêneras.

Além de ter abordado a participação de atletas trans no esporte, o documento também incluiu recomendações sobre o tema de atletas com quadros de síndrome hiperandrogênica, substituindo as regulações de 2012 sobre hiperandrogenismo feminino que eram utilizadas como orientação por diversas federações esportivas (Parcina, 2023, p. 23, tradução própria¹⁵).

Atualmente, as políticas trans-inclusivas da máxima entidade esportiva se encontram permeadas por desafios, controvérsias, tensões complexas e um marco regulatório que remove a responsabilidade do COI de regulamentar, de fato, esta pauta (Parcina, 2023, p. 27). Em novembro de 2021, o COI divulgou um novo guia sobre justiça, inclusão e não discriminação com base na identidade de gênero e variações sexuais, que substitui as diretrizes de 2015.

O novo documento reconhece a diversidade e a complexidade das questões de gênero no esporte e propõe dez princípios basilares e orientadores na criação de novas políticas trans-inclusivas. Entre eles, destacam-se a inclusão, a não presunção de vantagem e a primazia da saúde dos atletas (Comitê Olímpico Internacional, 2021).

O novo guia da organização representa uma mudança de foco em relação às diretrizes anteriores, que se baseavam principalmente nos níveis de testosterona como indicador de vantagem competitiva. A entidade reconhece, dessa forma, que a testosterona não é o único fator que determina o desempenho esportivo e que existem outras diferenças corporais que podem ser relevantes, como a massa muscular, a densidade óssea, a altura, o peso e a capacidade aeróbica. Além disso, o COI afirma que não há evidências conclusivas de que as atletas trans femininas tenham uma vantagem injusta e desproporcional sobre as cisgêneras.

Entretanto, o novo consenso da entidade não estabelece regras ou critérios universais para a elegibilidade de atletas trans nas competições esportivas, ou seja, não são vinculantes. A entidade optou por delegar às federações internacionais de cada modalidade a responsabilidade de definir seus próprios critérios, levando em conta as diversas especificidades e evidências científicas de cada esporte. O COI recomenda, dessa forma, que as federações adotem uma nova abordagem baseada em casos individuais, considerando os fatores biológicos, psicológicos e sociais que podem influenciar o “ecossistema” de cada modalidade específica.

¹⁵ No original: “Other than covering the issue of trans athletes participation in sport, it also included recommendations on the topic of athletes with hyperandrogenism, replacing the 2012 Regulations on Female Hyperandrogenism that were used as a guidance for various sport federations”.

Assim, reconhecendo o direito das pessoas trans de participarem do esporte de acordo com sua identidade de gênero, o COI aparenta buscar, simultaneamente, a garantia da integridade, da segurança e da justiça nas competições profissionais, considerando as diferenças biológicas entre corpos e suas possíveis implicações para o desempenho e ambiente esportivo, imputando a responsabilidade de definir os polêmicos parâmetros de elegibilidade às federações e demais entidades esportivas. Seria esse, portanto, um movimento de “lavar as mãos” acerca do assunto, que é polêmico e repleto de controvérsias? Ou seria, de fato, uma medida para garantir que cada modalidade encontre o ponto perfeito de inclusão? No fim, a realidade é que a falta de regras claras por parte do COI equivale à ausência de critérios de elegibilidade para atletas trans (Pigozzi *et al.*, 2022).

Consequentemente, a entidade enfrenta pressões provenientes de diversos setores da sociedade, incluindo atletas, federações esportivas, mídia, público e movimentos sociais, todos com perspectivas distintas sobre a questão trans no esporte. Alguns desses setores elogiaram o COI pela sua postura progressista e inclusiva, reconhecendo o direito das pessoas trans de participarem do esporte de acordo com sua identidade de gênero. Outros setores criticaram o COI pela sua falta de clareza e consistência, questionando a validade e a aplicabilidade dos princípios propostos. Além disso, não surpreendentemente, alguns manifestaram preocupação com a possibilidade de que as novas diretrizes abram espaço para fraudes, abusos e injustiças nas competições esportivas.

Nesse cenário multifacetado, a entidade sugere uma busca por abordagens equilibradas, revisando periodicamente suas políticas trans-inclusivas com base em novas evidências científicas e em um diálogo constante com as partes interessadas. Aparentemente, o desafio reside em conciliar o respeito pelos direitos individuais com a necessidade de preservar a equidade e a justiça nas competições esportivas oficiais, em um esforço contínuo para moldar um ambiente inclusivo e respeitoso para todos os atletas.

4.2. Delimitações e Considerações Preliminares

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da premissa de que o COI, como entidade máxima do esporte olímpico global, regulador e influenciador da elegibilidade trans-inclusiva, apresenta uma significativa força comunicacional na comunidade esportiva e possui a responsabilidade de comunicar as políticas que dizem respeito ao assunto. Considerou-se, portanto, na hipótese inicial, que o COI produziria diversas peças de

comunicação institucional que abordariam de maneira sensível e esclarecedora as questões relacionadas à trans-inclusão e equidade de gênero neste contexto específico.

Entretanto, ao realizar buscas introdutórias por artefatos comunicacionais do COI, foi observada uma notável escassez de peças, materiais e postagens que abordassem a temática. Mesmo utilizando ferramentas avançadas de busca no *Twitter*, onde se esperaria encontrar menções a termos básicos e constitutivos deste tema nos perfis oficiais da entidade, não foi possível encontrar qualquer referência. O padrão se repetiu nos perfis do COI no Instagram, incluindo um destaque de stories intitulado '*Pride*' (orgulho), dedicado a celebrar frases de atletas da comunidade LGBTQIAPN+. Surpreendentemente, os esportistas transgênero foram notavelmente excluídos desse destaque, revelando uma preocupante invisibilidade da comunidade trans em redes sociais de extrema relevância.

Dessa forma, buscou-se artefatos comunicacionais pertinentes para esta pesquisa em outras plataformas, como no *YouTube* e no próprio site institucional da entidade. Nesses foram encontradas algumas peças que discorrem sobre a pauta trans-inclusiva, ainda que poucas. Esses materiais podem ser categorizados em dois grupos distintos: os jornalísticos, representados por matérias veiculadas no site do COI; e os audiovisuais, que incluem os episódios da série '*Identify*', disponíveis tanto no *YouTube*¹⁶ quanto no site institucional do comitê. Todavia, é imperativo destacar que, para o leitor/espectador acessar efetivamente certos conteúdos dentro do site da entidade, é necessário se cadastrar e entrar com uma conta na plataforma, o que possivelmente restringe o alcance desses conteúdos.

Observou-se que a grande maioria desses materiais evidenciava as políticas trans-inclusivas do COI, mas eram, inegavelmente, escassos e direcionados a nichos específicos. Contudo, a série *Identify* destacava-se ao oferecer um conteúdo substancialmente profundo, constituindo uma produção que, de forma notável, exige maiores esforços e investimentos por parte da entidade olímpica. Ao realizar esse movimento, o COI demonstra um comprometimento mais sério em relação ao tema, mas abre espaço para análises críticas acerca das escolhas de produção. Assim, o produto se tornou o principal objeto analítico desta pesquisa, estabelecendo, dessa forma, a primeira delimitação da análise adiante.

É claro notar que a série *Identify*, numa confluência singular entre esporte e transgeneridade, emerge como um produto relevante, impactante e histórico. Contando histórias de atletas transgênero, *Identify* proporciona uma narrativa envolvente e humanizada, tendo sido veiculada dois anos após o segundo marco regulatório trans-inclusivo do COI,

¹⁶ Disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=znLUiqzNp98&list=PL-292yfpAFGYvreejFbCjzeZknQfoA6MH>>

promulgado em 2015. Com episódios de aproximadamente 15 minutos de duração, a série explora de maneira sensível as vidas, relacionamentos e trajetórias profissionais de atletas trans, trazendo à tona questões cruciais sobre inclusão na comunidade esportiva.

Esta produção audiovisual se trata de uma série documental, composta por cinco episódios, promovido pelo Comitê Olímpico Internacional. A série discorre sobre desafios (profissionais e esportivos) de identidade, como discriminação, preconceito, violência e exclusão. Essa conta com a participação de Harrison Browne, Schuyler Bailar, Chris Mosier, Pat Manuel e Chloe Anderson, atletas de modalidades diversas. Importante destacar que dentre os cinco atletas citados, apenas a última é mulher. Além disso, todos nasceram e estão inseridos na realidade norte americana ocidental (Estados Unidos ou Canadá), embora Pat Manuel e Schuyler Bailar sejam, respectivamente, um homem negro e um homem asiático. Ainda assim, a maioria do elenco é composta por pessoas brancas ocidentais.

Durante a elaboração deste estudo e nas análises preliminares da série, observou-se uma notável convergência entre os quatro primeiros episódios. Já o último episódio, por sua vez, destacou-se como um ponto de desvio em *Identify*. Faz-se necessário destacar que os aspectos que delineiam essas semelhanças e discrepâncias serão elucidados mais adiante. Assim, após a identificação desses elementos, a condução deste trabalho foi dividida em duas fases: a primeira, na qual os quatro episódios iniciais foram abordados de forma conjunta, tendo o episódio piloto como norteador central; e a segunda, que consiste em uma análise individual mais aprofundada do episódio final.

Esta segregação carrega consigo uma intencionalidade prática e analítica. O primeiro episódio, ancorado na premissa de que os quatro iniciais compartilham uma estrutura fílmica notavelmente similar, promete ser um ponto de partida crucial para entender as recorrências e elementos narrativos que permeiam os episódios precedentes. Uma análise conjunta dessas peças pode proporcionar entendimentos valiosos sobre como a temática e as próprias políticas trans-inclusivas do COI são reiteradas e traduzidas, tanto visual quanto verbalmente, ao longo dessa produção videofonográfica.

A escolha do último episódio, por sua vez, se destaca como uma decisão estratégica fundamentada na quebra dos padrões fílmicos da série. Este episódio, ao deslocar a função narrativa do atleta protagonista (nesse caso, Chris Mosier), que habitualmente a exerce, para o diretor médico do COI, Richard Budgett, sugere uma conclusão singular. A mudança na perspectiva narrativa, um movimento fora da curva em relação aos episódios anteriores, emerge como um potencial ponto de inflexão, insinuando um posicionamento institucional do

COI no âmbito das narrativas transgênero. Analisar essa ruptura é essencial para uma compreensão mais profunda do papel do COI na construção destas narrativas.

A metodologia adotada para a análise destes episódios incorpora abordagens complementares, visando uma compreensão mais abrangente das mensagens veiculadas. A análise do discurso, enquanto fundamento teórico, destaca-se como a ferramenta central deste estudo. Ela desvela os elementos linguísticos presentes nos discursos, permitindo a exploração das relações de poder, ideologias e significados subjacentes. Segundo Gregolin (1995, p. 17), “ao analisarmos o discurso, estaremos inevitavelmente diante da questão de como ele se relaciona com a situação que o criou”. Foucault, com sua abordagem sobre as dinâmicas de poder, também torna-se um referencial essencial para este escopo analítico.

Portanto, esta abordagem busca elucidar como o discurso é construído e como ele é utilizado para transmitir ideias, valores e crenças. Essa se concentra em examinar os elementos linguísticos presentes nos discursos, incluindo palavras, frases, estruturas gramaticais e outros aspectos da linguagem, tendo sempre em mente o contexto cultural, histórico e situacional no qual esse está imerso. Ou seja, a partir da análise do discurso, este estudo busca compreender as intencionalidades do COI nas escolhas verbais e na construção discursiva da série *Identify*.

O DISCURSO é um suporte abstrato que sustenta os vários TEXTOS (concretos) que circulam em uma sociedade. Ele é responsável pela concretização, em termos de figuras e temas, das estruturas semio-narrativas. Através da Análise do Discurso é possível realizarmos uma análise interna (o que este texto diz?, como ele diz?) e uma análise externa (por que este texto diz o que ele diz?) (Gregolin, 1995, p. 17).

É válido levar em consideração as elucidações de Barthes (1990, p. 33) acerca do discurso, que traçam a importante relação entre a imagem e a mensagem linguística:

A linguagem tem, evidentemente, uma função elucidativa, mas esta elucidação é seletiva; trata-se de uma metalinguagem aplicada não à totalidade da mensagem icônica, mas unicamente a alguns de seus signos; o texto é realmente a possibilidade do criador (e, logo, a sociedade) de exercer um controle sobre a imagem; [...] o texto tem um valor repressivo em relação à liberdade dos significados da imagem; compreende-se que seja ao nível do texto que se dê o investimento da moral e da ideologia de uma sociedade.

Portanto, a opção por uma análise conjunta dos quatro primeiros episódios e uma observação mais aprofundada do último episódio, ancorada nos fundamentos da análise do discurso, sinaliza uma abordagem meticulosa. Dessa forma, ao adotar uma postura crítica e reflexiva sobre a série *Identify*, buscamos, por meio das análises subsequentes, decodificar não apenas os elementos linguísticos presentes nos discursos, mas também os signos visuais e

sonoros que compõem a narrativa da série. Essa abordagem multiteórica visa proporcionar uma compreensão ainda mais abrangente das mensagens veiculadas, conduzindo o leitor a uma profunda análise dos episódios.

4.3 Investigação Global dos Episódios Iniciais

Em 2016, o Comitê Olímpico Internacional (COI) aconselhou que atletas transgêneros pudessem competir sem passar por procedimentos cirúrgicos, fazendo história no mundo dos esportes. As opiniões expressas neste conteúdo são das pessoas apresentadas e não refletem necessariamente as opiniões do COI ou de qualquer uma de suas entidades afiliadas (Comitê Olímpico Internacional, 2017, tradução própria¹⁷).

Seis anos atrás, o Comitê Olímpico Internacional estreava sua nova série online, *Identify*, no intuito de divulgar seu novo marco regulatório de elegibilidade trans-inclusiva. Com um episódio piloto protagonizado pela atleta de vôlei Chloe Anderson, a entidade veiculou, nos segundos iniciais de todas as peças, a citação acima, com letras brancas em um fundo completamente preto. Atribuindo uma importância notavelmente histórica à nova política, o COI traz o protagonismo desta importante decisão para si, mas, ao mesmo tempo, utiliza o verbo ‘*advised*’ (que pode ser compreendido como ‘aconselhou’) para se referir aos critérios de elegibilidade presentes neste documento. Além disso, a entidade avisa, em seguida, que não corrobora com as opiniões das pessoas apresentadas nos vídeos, protegendo, também, entidades afiliadas.

Cabe aqui, antecipadamente, alguns questionamentos e reflexões acerca da declaração citada. Por estar presente no primeiro segundo de todas as peças, essa naturalmente influencia e norteia a análise subsequente, assim como a percepção do espectador acerca do assunto dos vídeos, pois “é no discurso que se percebem com mais clareza os valores sobre os quais se assenta o texto” (Gregolin, 1995, p. 19).

Qual seria a motivação para inserir essas informações antes de qualquer outro quadro visual? De onde veio a escolha do verbo ‘aconselhou’ para se referir às diretrizes e critérios deste regulamento? Qual o sentido de se isentar das opiniões das pessoas retratadas, que apoiam e são favoráveis à inclusão de pessoas trans no esporte, se todo o intuito desta série e da nova política é, em tese, naturalizar, incluir e apoiar a presença dessas pessoas no ambiente olímpico e desportivo como um todo?

¹⁷ No original: “In 2016, the International Olympic Committee (IOC) advised that transgender athletes can compete without undergoing surgery, making history in the sports world. The views expressed in this content are those of the person featured and do not necessarily reflect the views of the IOC or any of their affiliated entities”.

Inserir uma declaração como essa no início do vídeo com uma fonte simples, na cor branca, em um fundo preto, soa, no mínimo, como um aviso. Um aviso de, quiçá, isenção e cautela acerca do assunto, assegurando assim certa neutralidade do COI e proteção às entidades filiadas, que, segundo o verbo ‘aconselhou’, podem ou não seguir as diretrizes do novo documento sem maiores preocupações. Isto é, mesmo em um produto audiovisual que celebra a participação esportiva de atletas trans e divulga política trans-inclusivas, o assunto é tratado com um tom infeliz de controvérsia, o que permeia a desnaturalização desses corpos no ambiente esportivo.

Cabe também ressaltar que o episódio piloto, denominado “*This transgender volleyball player’s path leads to an NCAA women’s team*” (O caminho desta jogadora de vôlei transgênero leva a uma equipe feminina da NCAA), é protagonizado por uma mulher transgênero, o que acaba abrindo espaço para maiores avaliações, tendo em vista que pessoas trans femininas são o principal alvo de agressões e proibições no âmbito esportivo e fora dele. Primeiramente, selecionar uma atleta trans para protagonizar o primeiro episódio é uma escolha clara de impacto e reconhecimento da polêmica que engloba a participação de mulheres trans. Ainda que a produção conte com apenas uma protagonista mulher dentre todos os atletas, estreitar a série com ela carrega um grande simbolismo. Afinal, por estarem submersas em polêmicas, controvérsias e proibições, atletas trans femininas são grandes agentes de deslocamentos sociais e políticos dentro do esporte, abrindo caminho para outras identidades de gênero reivindicarem seus direitos desportivos. Portanto Chloe, ao estreitar o piloto, carrega consigo uma simbologia de desbravamento de um terreno extremamente desconfortável para corpos trans, além de ser um reconhecimento elíptico da luta trans feminina no esporte de alto nível.

Entretanto, é imperativa a reiteração do fato de que Chloe é a única mulher protagonista em *Identify*. Essa é mais uma decisão que notavelmente fortalece a mensagem inicial, protegendo o COI de grandes polêmicas e isentando seus filiados, pois é muito mais ‘digerível’ para o público ver atletas trans masculinos protagonistas – que, para um espectador médio, não carrega consigo vantagens biológicas e não ameaça colegas de vestiário – do que mulheres trans, que são “regularmente apresentadas como farsas, predadoras e ameaças a mulheres e crianças” (Caldwell, 2017), presumindo-se sempre vantagem sobre atletas cis e uma mentalidade ameaçadora. Portanto, a escolha do elenco presente na série também é um claro elemento de autoproteção. Essa é uma premissa que poderia explicar o porquê de colocar a declaração inicial nos primeiros segundos de vídeo, sabendo que uma mulher trans abre a série *Identify* e, conseqüentemente, é a primeira protagonista a ser vista.

Nos segundos subsequentes, os textos iniciais cessam e dão espaço para outras orações, que apresentam a protagonista e contextualizam sua história para o público. Eventualmente, o fundo preto e as palavras brancas são deixadas para trás, dando espaço para imagens em câmera lenta da atleta em quadra em meio a um treino. Ao mesmo tempo em que a imagem aparece, a voz da atleta também vem à tona, sendo a principal locutora durante grande parte do episódio. Essa fórmula introdutória é utilizada em todos os episódios e ocupa o minuto inicial das peças.

Figura 2 – Chloe em quadra



Fonte: Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=znLUIqzNp98&t=508s>>. Acesso em 29/11/2023.

A sequência descrita acima é um exemplo clássico de construção narrativa em documentários esportivos, onde uma calma introdução é intercalada com cenas de performances atléticas, que serve para contrastar a quietude das palavras com a intensidade do esporte. Além disso, esta transição sinaliza, de fato, o início do episódio que ainda estava por vir. A câmera lenta, em particular, é uma ferramenta poderosa usada para destacar, de forma emotiva, ações e movimentos relevantes para a construção de certas narrativas, permitindo que o público aprecie cada movimento em detalhes, transformando simples movimentos em objetos artísticos.

A opção pela utilização da câmera lenta pode ser percebida como uma estratégia para sensibilizar o espectador preliminarmente, em especial aquele que pode manifestar oposição à participação de atletas trans. A escolha também parece preparar o público para um produto que apresenta um tom emotivo e sensível, que humaniza os/as protagonistas. É evidente que, por essas serem cenas anteriores à vinheta de abertura e se repetirem de forma quase que

idêntica em todos os episódios, há também a intenção de forjar a identidade da série, tornando-a familiar e consistente para o espectador, o que pode ajudar a reter a audiência.

A decisão de ter a atleta como a principal locutora durante grande parte do episódio é outra escolha de produção significativa. Isso dá à atleta uma plataforma para contar sua própria história em suas próprias palavras, o que é especialmente importante quando se trata de questões de transgeneridade. Isso permite com que o público ouça diretamente da atleta sobre suas experiências, desafios e triunfos, em vez de ter sua história contada por terceiros. Isso também dá ao público uma visão íntima da perspectiva da atleta, tornando a narrativa mais pessoal e envolvente.

A delegação da narrativa em uma série documental, que “naturalmente se aproxima do jornalismo na sua forma de representar o real” (Mombelli; Tomaim, 2014, p. 6), serve para reforçar a veracidade do discurso apresentado, indicando a genuinidade dos fatos expostos na série. Como afirma Gregolin (1995, p. 19),

Os fatos contados podem ganhar status de "coisas reais", "acontecidas", através de ilusões discursivas. Pela *desembreagem interna*, o narrador cede voz aos sujeitos, no discurso direto (delegação interna de voz), e obtém, assim, a "prova de verdade". Por meio da ancoragem são construídos, no discurso, pessoas, tempo e espaço "reais" ou "existentes", que criam a ilusão de serem "cópias" da realidade.

Então, após a finalização dos quadros e discursos iniciais, é chegada a hora da vinheta de abertura entrar em cena. Essa consiste em um simples *fade in* e *fade out* da palavra *Identify* em um fundo preto, a qual se apresenta capitalizada em uma fonte consideravelmente robusta e impactante. Além disso, alguns vídeos do/da atleta protagonista daquele episódio sobrepõem a palavra, formando uma espécie de máscara que constitui a tipografia dessa. Também existe uma barra horizontal localizada embaixo da palavra. A junção desses dois elementos parecem compor o que seria o logo da série. A barra, por ser robusta e contínua, também parece ser utilizada para dar mais espaço às imagens que compõem a tipografia, fazendo com que sejam efetivamente compreendidas pelo espectador.

Figura 3 – Vinheta de Abertura

Fonte: Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=znLUiqzNp98&t=508s>>. Acesso em 29/11/2023.

Assim, a vinheta de abertura aparenta ser uma escolha visual destinada a atrair a atenção do espectador para o cerne das peças. A composição do nome/logo da série com os vídeos dos esportistas protagonistas parece representar uma estratégia que visa associar o produto a esses atletas e, por conseguinte, enfatizar a ideia de que *Identify* proporciona uma plataforma para que eles expressem suas vozes e destaque suas presenças e conquistas desportivas. Contudo, é notável que a abertura se apresenta tecnicamente simplória para uma produção tão histórica e significativa, suscitando questionamentos sobre o verdadeiro comprometimento do COI com a produção da série.

No episódio piloto, após a vinheta de abertura, Chloe vai à casa de sua mãe, Catherine, que a recebe de braços abertos, com muito afeto e carinho. Essas cenas são calmas, confortáveis, e transmitem um sentimento aconchegante, amoroso e muito familiar. A trilha sonora é mínima, sendo quase imperceptível, reforçando uma atmosfera de calma. O próprio tratamento de cor, com tons lavados, pouco saturados, reforça isso. O enquadramento foca diversas vezes em elementos como bilhetes escritos à mão e fotografias antigas, que são significantes de familiaridade e intimidade. A mãe da atleta relembra alguns momentos de sua vida e mostra até mesmo uma foto de Chloe antes da transição de gênero. Eventualmente, Catherine remonta situações de extrema dificuldade durante a adolescência da protagonista: “Chloe, sabe, durante o ensino fundamental e tudo mais, era super atlética e tal, o que era ótimo, mas Chloe mal conseguiu passar pelo ensino médio. Digo, sério, foi por um triz” (Comitê Olímpico Internacional, 2017, tradução própria¹⁸). De forma complementar, a atleta discorre sobre essas dificuldades logo em seguida:

¹⁸ No original: “Chloe, you know, through middle school and stuff, super athletic and everything, which was great, but Chloe barely made it through high school. I mean, seriously, by the skin of her teeth”.

Quando entrei no ensino médio, comecei a ficar realmente triste porque percebi que estava passando pela puberdade e eu odiava totalmente a forma como meu corpo estava mudando. Eu queria, sabe, ser mais feminina, queria ser uma garota. Olhando para trás, eu realmente não me importava mais com nada. Não queria estar na escola, não tinha vontade de fazer lições de casa. Acabei sendo retirada do time de vôlei no meu terceiro ano porque minhas notas haviam caído muito (Comitê Olímpico Internacional, 2017, tradução própria¹⁹).

As cenas posteriores à vinheta de abertura costumam seguir os mesmos moldes em outros episódios da série, exibindo protagonistas com seus entes queridos e recordando momentos passados, o que parece ser uma estratégia para humanizar atletas transgêneros e sensibilizar o espectador acerca de suas vidas, seus desafios e suas dores.

Fotografias antigas são constantemente utilizadas na produção e, normalmente, estão em colagens ou emolduradas, muitas vezes nas mãos de familiares, o que reitera um sentimento de aconchego e familiaridade. Até mesmo os animais de estimação de alguns protagonistas são apresentados ao espectador, assim como momentos de casualidade entre o/a atleta e sua família. Ou seja, até aqui, a série demonstra um claro intuito de abrandar prováveis opiniões inflamadas acerca da temática apresentada na série.

Figura 4 – Fotografia em porta-retrato



Fonte: Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=znLUiqzNp98&t=508s>>. Acesso em 29/11/2023.

Em seguida, Chloe fala melhor sobre sua transição, discorrendo sobre o momento em que revelou sua identidade de gênero para sua mãe. É evidenciado um sentimento de surpresa e chateação inicial após a revelação, mas que não demora muito para dar lugar a uma atitude de compreensão, amparo e acolhimento:

¹⁹ No original: “When I hit middle school, I started to get really sad because I realized that I was hitting puberty, and I absolutely hated the way my body was changing. I wanted, you know, to be more feminine. I wanted to be a girl. Looking back, I had absolutely no care about anything. I didn't want to be at school. I had no desire to do homework. I ended up getting kicked off the volleyball team my junior year because my grades had dropped so low”.

Uma vez que Chloe conversou comigo, consegui aceitar a situação. Parei de tentar convencê-la a não seguir esse caminho e simplesmente deixei de centralizar a questão em mim, porque não é sobre mim. É sobre Chloe viver uma vida melhor. Então, pude perceber as coisas maravilhosas que ela estava fazendo. Como não apoiar alguém em busca de ser a melhor versão de si na vida? (Comitê Olímpico Internacional, 2017, tradução própria²⁰).

Ao veicular e naturalizar um sentimento materno de incompreensão inicial, *Identify* busca não condenar espectadores que possivelmente possuem sentimentos semelhantes ao de Catherine, fazendo com que esses adotem uma postura mais aberta e receptiva, na esperança de romper esses preconceitos.

A mesma fórmula se repete nos episódios seguintes e parece simbolizar um ponto de virada na narrativa da série, no qual a sensibilização familiar é deixada para trás, dando lugar a outros tópicos da vida do/da protagonista. Novamente, a escolha de inserir a família nos primeiros momentos do episódio soa como um recurso sensibilizador preliminar utilizado antes da série adentrar, de fato, na temática esportiva, fazendo uso dessa instituição sanguínea que também sustenta a cisheteronormatividade.

Em seguida, a trilha sonora se torna um pouco mais emotiva, enquanto Chloe dirige seu carro. Eventualmente, as cenas da atleta dirigindo cessam e dão lugar a diversos vídeos e fotografias dela em quadra. Entretanto, estes registros são apresentados sobre um fundo preto, não ocupando a totalidade da tela. A protagonista discorre sobre diversas dificuldades esportivas relacionadas à transgeneridade, por meio de uma narração que sobrepõe a trilha sonora, citando também a polêmica da presunção de vantagens biológicas:

Eu procurei universidades de diferentes divisões, e dessas universidades com as quais eu entrei em contato, apenas algumas responderam quando eu revelei que era trans. Não sei se isso tem relação ou não. Sinto que o mito de que atletas transgêneros, especificamente mulheres, possuem uma vantagem no esporte é uma espécie de receio. É um medo cientificamente não fundamentado (Comitê Olímpico Internacional, 2017, tradução própria²¹).

A declaração da protagonista não apenas evidencia com extrema nitidez a discriminação enfrentada por atletas trans, mas também destaca o sustentáculo da política de

²⁰ No original: “Once Chloe talked to me, and I was able to embrace it, and I stopped trying to convince her to not do that, and I just stopped making it about me, because it's not about me. It's about Chloe and living her best life. And then I saw the wonderful things that she was doing. How could you not support somebody to be their best person in life?”.

²¹ No original: “I had looked up schools in different divisions, and of the division two schools that I spoke out to, only a few responded when I disclosed that I was trans. Very quickly I got rejections. I don't know if it's connected or not. The myth that trans athletes, specifically transgender women, have an advantage in sports, I feel like it's kind of a fear. It's an unfounded scientific fear”.

elegibilidade trans-inclusiva mais recente naquela época. Chloe também evidencia os efeitos feminilizantes da terapia hormonal, revelando ao público a redução de seu potencial atlético:

Há uma diferença perceptível na minha habilidade atlética nos primeiros meses com hormônios. Tive muitas dores musculares, meus ombros doíam muito, e percebi que era todos os meus músculos masculinos desaparecendo. Foi bastante desafiador no início, ver todos os meus músculos basicamente desaparecerem do meu corpo. Definitivamente, não consigo saltar tão alto quanto antes (Comitê Olímpico Internacional, 2017, tradução própria²²).

Com isso em mente, é possível perceber que a atleta também é utilizada como um exemplo dos efeitos transsexualizadores da terapia hormonal, reiterando o embasamento do novo marco regulatório logo no primeiro episódio. Esse enfoque destaca não apenas as transformações físicas, mas também os diversos desafios emocionais enfrentados por atletas que decidem realizar a transição de gênero. A narrativa de Chloe proporciona uma visão íntima das complexidades associadas ao processo de adaptação, promovendo uma maior compreensão sobre como as mudanças hormonais podem impactar não apenas o desempenho atlético, mas também a experiência subjetiva de um/uma atleta.

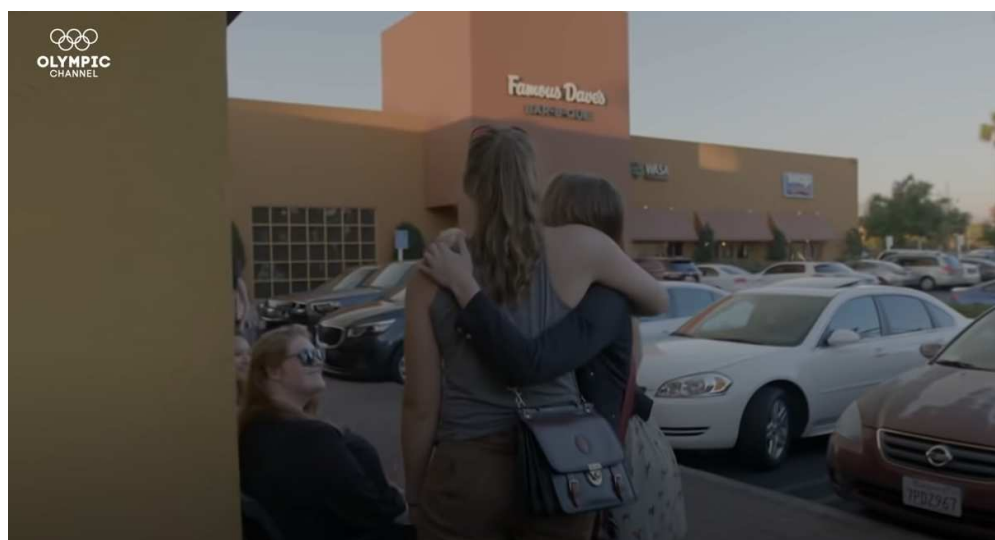
Além disso, ao expor as dificuldades encontradas durante a busca por uma equipe em instituições de ensino superior nos Estados Unidos, Chloe lança luz sobre a persistente discriminação enfrentada por atletas transgêneros no âmbito acadêmico-esportivo. Essa narrativa pessoal serve como uma denúncia das barreiras sistêmicas que muitos atletas transgêneros ainda enfrentam ao buscarem oportunidades iguais. A sobreposição da narração à trilha sonora e a apresentação cuidadosa de imagens da atleta em ação contribuem para criar uma atmosfera de empatia e compreensão. A escolha de exibir os registros sobre um fundo preto, sem preencher toda a tela, pode ser interpretada como uma metáfora visual, sugerindo que as experiências de atletas trans ainda não ocupam completamente o espaço e a visibilidade merecidos na esfera esportiva, seja profissional ou amadora.

Eventualmente, o episódio retorna para a cena de Chloe dirigindo seu carro, indo encontrar seus amigos, já que ela não conseguirá vê-los com frequência na nova universidade. A esportista é recebida com muitos abraços e sorrisos. Em um jantar de despedida, Chloe brinda com seus amigos, terminando a noite com muitos abraços e palavras carinhosas. A câmera evidencia, em *closes*, os brindes, os sorrisos e as demonstrações de afeto entre a atleta e seus amigos. Eventualmente, a protagonista cita o quanto sentirá falta deles e demonstra que

²² No original: “There's a noticeable difference in my athleticism for the first few months on hormones. Like I had a lot of muscle pains, my shoulders would hurt a lot, and I realized it's all my male muscle going away. It was pretty challenging at first, just having all my muscles basically melt off my body. I definitely can't jump as high as I used to”.

esse é um processo difícil para ela, pois seus amigos foram de extrema importância para sua transição. Aqui, é possível concluir que a estrutura fílmica dos episódios é baseada em intercalações entre momentos de humanização/sensibilização e momentos relativos à vida esportiva, que tipicamente tocam no assunto da trans-inclusão.

Figura 5 – Chloe encontrando seus amigos



Fonte: Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=znLUIqzNp98&t=508s>> Acesso em 29/11/2023.

Então, a trilha sonora e a narração cessam, dando espaço a um amanhecer silencioso. Os céus ainda estão escuros e Chloe prepara seu carro para iniciar a viagem em direção à sua nova universidade. Eventualmente a atleta narra alguns acontecimentos e histórias casuais, simbolizando uma simplicidade na vida dela e aproximando-a do espectador, gerando, assim, identificação com suas experiências e interesses simplórios: “É engraçado, a última coisa que peguei antes de sair foi, na verdade, meu conjunto de dados de *Dungeons and Dragons*. Eu estava pensando, tipo, se um dia vamos jogar *D&D* na faculdade?” (Comitê Olímpico Internacional, 2017, tradução própria²³). Com isso em mente, é imperativo ressaltar:

A voz do documentário é uma forma de realizar asserções sobre o mundo histórico transmitindo a perspectiva de quem faz o filme. Para que essa voz “fale” são usados mecanismos a fim de que atinja expressão, no sentido de atribuir credibilidade ao que está sendo dito, além de comover e convencer o espectador (Mombelli; Tomaim, 2014, p. 7).

Dessa forma, Chloe segue seu caminho e, lentamente, vemos o dia amanhecer, enquanto a atleta continua narrando alguns fatos casuais e uma trilha sonora mais cativante

²³ No original: “It's funny, the last thing I grabbed before leaving was actually my *Dungeons and Dragons* die set. I was thinking, I'm like, ever gonna play *D&D* up in college?”.

entra progressivamente em cena. O espectador acompanha a viagem da protagonista até seu destino. Eventualmente, a protagonista chega ao campus e começa a organizar seus diversos pertences, arrumando o novo quarto em um aparente dormitório universitário.

Em seguida, a atleta retoma o tema esportivo, discorrendo sobre todo o seu processo de transferência para a nova universidade e compartilhando suas primeiras interações com a equipe universitária. É nesse contexto que Chloe apresenta sua nova treinadora, Morgan, destacando-a como a primeira pessoa com quem dialogou antes de decidir transferir-se para a *UC Santa Cruz*. Morgan, então, comenta sobre:

Chloe enviou-me um e-mail dizendo: 'Estou transferindo-me da minha faculdade atual e tenho considerado seriamente a UC Santa Cruz.' Acredito que foi nesse mesmo e-mail que ela compartilhou que era uma atleta transgênero. [...] Na *UC Santa Cruz*, temos um ambiente aberto e fazemos questão de deixar isso evidente (Comitê Olímpico Internacional, 2017, tradução própria²⁴).

Nesse momento, faz-se um diálogo entre a treinadora e a atleta, que não conversam diretamente, mas, simultaneamente, complementam suas narrativas. Essa clássica ferramenta denominada montagem paralela, que é utilizada com frequência em todos os episódios, transmite dinamicidade para o desenrolar narrativo da peça, porque “o princípio fundamental da narratividade é a transformação, e o encadeamento desses valores produz a sucessividade do texto” (Gregolin, 1995, p. 15). Nesse contexto, a treinadora da equipe - uma profissional do esporte - é um significante de autoridade, que parece ser utilizada como uma ferramenta para fundamentar a inclusão de atletas trans em ambientes esportivos, assim como tornar aquele discurso ainda mais veraz. Morgan, então, é um ‘dispositivo veridictório’, segundo as elucidações de Gregolin (1995, p. 19):

O enunciador quer fazer o enunciatário crer na verdade do discurso. Por isso, ele tem um fazer persuasivo e o enunciatário tem um fazer interpretativo. Há um contrato de veridicção entre enunciador e enunciatário. Por isso, o enunciador constrói no discurso todo um dispositivo veridictório, espalha marcas que devem ser encontradas e interpretadas pelo enunciatário. Nessas marcas estão embutidas as imagens de ambos (os seus sistemas de crenças, as imagens recíprocas etc). São estratégias discursivas, por exemplo, a implicação e/ou a explicitação de conteúdos, que constroem o texto por meio de pressupostos e de subentendidos.

Em torno dos dez minutos, utilizando uma trilha sonora mais emotiva, a série acompanha Chloe indo para sua primeira reunião com o time. Em uma conversa com Morgan

²⁴ No original: “Chloe emailed me and she said ‘I’m a junior college transfer and I’m really looking at UC Santa Cruz’ and I think in the same email was when she told me that she was also a transgender athlete. [...] UC Santa Cruz does have a very open environment and we really try to make that known”.

anterior ao encontro, a atleta decide revelar à suas companheiras que é uma mulher transgênera. A protagonista descreve o quão nervosa ficou ao fazer a revelação:

Eu estava meio que balançando um pouco as pernas, mexendo nas mãos, porque não tinha certeza de como seria a reação. E então houve apenas silêncio. Fiquei só sentada lá, tipo, ‘ah, não, espero que isso não seja uma reação negativa’. Mas não foi, não foi. Era só eu pensando demais nas coisas (Comitê Olímpico Internacional, 2017, tradução própria²⁵).

A declaração de Morgan revela ao público o quanto o ambiente esportivo é percebido como hostil no imaginário de pessoas transgêneras, o que revela certa fragilidade na protagonista, buscando a empatia do público espectador. Esse padrão também se repete com frequência em alguns momentos de outros episódios, quando esses revelam difíceis obstáculos pelos quais os protagonistas tiveram de passar, ou quando revelam um lado evidentemente vulnerável deles.

Outro momento que se destaca no episódio da série acontece em seus minutos finais: as novas companheiras de equipe de Chloe comentam sobre sua chegada, apoiando a inclusão da protagonista no time. Novamente, a produção parece utilizá-las como dispositivos veridictórios para amparar um discurso trans-inclusivo. A esse ponto, é possível compreender que *Identify* utiliza, costumeiramente, coadjuvantes a fim de credibilizar e desproblematizar a presença de atletas trans. É possível notar esse recurso nas declarações das companheiras de equipe de Chloe:

Eu não acho que alguém da nossa equipe tenha alguma coisa, tipo, ‘meu Deus, ela é transgênero.’ Acho que isso nunca foi uma conversa entre nenhuma de nós. Olhamos para ela apenas como outra pessoa que está chegando e tentando aproveitar o seu tempo de jogo (Comitê Olímpico Internacional, 2017, tradução própria²⁶).

Os últimos minutos mostram a protagonista em seu primeiro dia de treino com suas novas colegas de equipe. Enquanto Chloe discorre emotivamente sobre o apoio e o conforto que sentiu durante o treinamento, uma trilha sonora emotiva entra em cena. Eventualmente, a ambiência do episódio se torna mais energética e destaca uma prática esportiva intensa, mas agradável, evidenciando a participação da atleta.

O episódio conclui-se com uma atmosfera de felicidade, representada pela interação amistosa da equipe durante e ao fim do treino. A peça termina, de fato, com Chloe voltando

²⁵ No original: “I was kind of shaking my legs a little, fiddling with my hands, because I wasn't sure how the reaction would be. And there was just silence. I'm just sitting there like, oh no, I hope this isn't a negative reaction. But it wasn't, it wasn't. It was just me overthinking things”.

²⁶ No original: “I don't think, like, anyone on our team has anything, like, oh, my gosh, she's transgender. I don't think that was ever a talk between any of us. It was more of just looking at her as another person that's coming and trying to take, like, your playing time”.

para seu dormitório, enquanto a protagonista conclui sua narração com uma assertiva extremamente simbólica para a construção discursiva do episódio piloto: “No final das contas, sou apenas uma pessoa que adora vôlei e quer jogar. Eu simplesmente amo o esporte que pratico e quero continuar praticando-o” (Comitê Olímpico Internacional, 2017, tradução própria²⁷).

Figura 6 – Chloe e suas novas companheiras de equipe



Fonte: Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=znLUIqzNp98&t=508s>> Acesso em 29/11/2023.

É imperativo observar que a peça é finalizada com a atleta destacando sua humanidade acima de sua identidade transgênero. Ao transcender a categorização como mulher trans e posicionar-se como indivíduo no sentido mais amplo, a protagonista apela para uma percepção humanitária sobre sua existência e direitos. A escolha de concluir a obra com esta assertiva reforça o constructo discursivo no qual os quatro primeiros episódios se baseiam, que possui princípios constitutivos como a empatia, a sensibilização e a horizontalidade entre a atleta e o público.

Em síntese, a análise detalhada dos elementos discursivos presentes no episódio piloto de *Identify* revela uma cuidadosa construção narrativa e estratégias persuasivas adotadas para promover a trans-inclusão no esporte. A peça parece buscar, por meio da persuasão, posturas mais receptivas por parte do público acerca da temática tratada. A série se utiliza de recursos como dispositivos veridictórios, humanização de atletas trans e a ênfase da individualidade. Ao finalizar com Chloe destacando que quer apenas continuar jogando, a narrativa busca

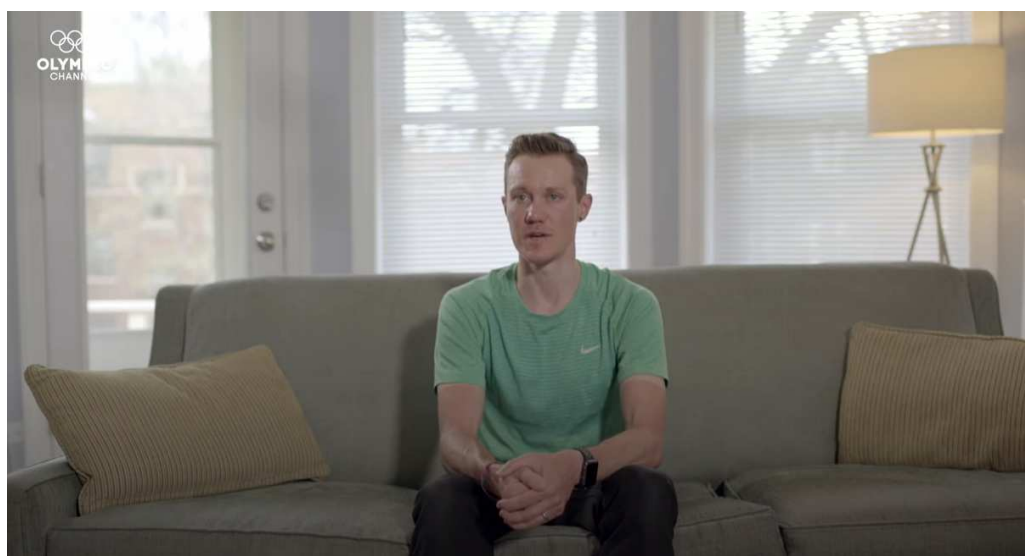
²⁷ No original: “At the end of the day, I’m just a person that loves volleyball, and I want to play it. I just love the sport that I play and want to try and continue to do it”.

estabelecer uma conexão direta entre a audiência e a experiência singular da atleta, reforçando seu amor pelo esporte e sua vulnerabilidade à proibições.

4.4 Desviando do Roteiro: Análise do Episódio Final

O episódio final de *Identify*, denominado “*Team USA's Chris Mosier Continues to Break Barriers for Trans athletes*” (Chris Mosier, da equipe dos EUA, continua a quebrar barreiras para atletas trans), é protagonizado pelo triatleta e ativista Chris Mosier, e é construído de uma forma distinta dos demais. Esse se inicia com a mesma declaração presente em todas as outras peças, mas as cenas subsequentes notavelmente se destacam. Ao invés de apresentar o protagonista praticando sua modalidade em câmera lenta, o episódio exhibe-o em cenas mais sóbrias, monótonas e íntimas, em um ambiente que parece ser sua casa. Na introdução deste episódio, enfatiza-se as conquistas esportivas do protagonista - o enquadramento reitera suas premiações por meio de *closes* em troféus, medalhas e outros significantes de triunfo. Além disso, pela primeira vez em cenas anteriores à vinheta de abertura, Chris é apresentado sentado em um sofá, enquanto concede uma entrevista para a produção. Isto é, notam-se diferenças na construção do episódio logo nos segundos iniciais, o que aponta para uma clara inflexão.

Figura 7 – Chris sendo entrevistado



Fonte: Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UjTwS_UtwN0&t=179s> Acesso em 29/11/2023.

Tais cenas preliminares dão a entender que o episódio final é notavelmente menos dramatizado, apontando, dessa forma, para uma peça mais sóbria, com um enfoque maior no gênero documental. A exibição de vários significantes de triunfo, por meios verbais e visuais, parecem reforçar ao espectador que Chris é um atleta vitorioso, o que pode ser uma validação discursiva e um reconhecimento de sua condição atlética como um homem trans. Nesse sentido, suas conquistas também são dispositivos veridictórios, que apresentam ao público a história de um esportista reconhecido, dando maior amparo, autoridade e veracidade ao discurso adiante e aos triunfos citados pelo protagonista. De forma que análoga, Fiorin (2004, p. 18) discorre sobre a construção da autoridade e da perícia profissional:

Quando um professor diz “eu sou muito competente”, está explicitando uma imagem sua no enunciado. Isso não serve de prova, não leva à construção do *ethos*. O caráter de pessoa competente constrói-se na maneira como organiza as aulas, como discorre sobre os temas etc. À medida que ele vai falando sobre a matéria, vai dizendo “sou competente”.

Após a vinheta de abertura, Chris discorre sobre suas conquistas, destacando que ele foi o primeiro atleta a representar os Estados Unidos após a mudança das políticas de elegibilidade em 2016. Medalhas e troféus são exibidos, reforçando mais uma vez seus triunfos. Entretanto, não demora muito para outro personagem entrar em cena - após alguns segundos, Barry Siff, presidente da *USA Triathlon* (Federação Estadunidense de Triatlo), é apresentado. O dirigente, então, reforça a qualidade de Chris, assim como suas características positivas, enquanto fotografias do atleta são exibidas. Ele também demonstra o quanto o protagonista é valorizado pela entidade estadunidense: “Nós temos sorte que ele seja um triatleta. E ele não é apenas um grande homem, mas também um grande atleta. E o *USA Triathlon* tem orgulho de tê-lo representando a equipe dos EUA” (Comitê Olímpico Internacional, 2017, tradução própria²⁸). Logo em seguida, a ativista LGBTQIAPN+ Helen Carroll é introduzida, discorrendo, então, sobre a carreira de Chris e sua relação com a transgeneridade. De forma complementar, o protagonista fala sobre sua transição de gênero e aponta alguns receios com os quais teve de lidar: “Adiei minha transição por mais de um ano quando finalmente entendi quem eu era, porque estava com medo de perder minha capacidade de participar do esporte” (Comitê Olímpico Internacional, 2017, tradução própria²⁹).

²⁸ No original: “I’m fortunate, we’re fortunate, that he’s a triathlete. And he’s not only a great guy, but he’s a great athlete. And USA Triathlon is proud to have him represent Team USA”.

²⁹ No original: “I delayed my transition for over a year once I finally understood who I was as a person because I was terrified that I was going to lose my ability to participate in the sport”.

A declaração do triatleta denuncia a percepção comum de que pessoas trans não podem praticar esportes, o que é, evidentemente, um grande receio atrelado ao processo de transição de gênero. Ademais, na presente minutagem, já é possível observar uma maior dinamicidade em relação aos titulares da voz narrativa, que constroem um diálogo mais plural, com um maior número de vozes. A narração, nesse caso, não é exercida majoritariamente pelo protagonista do episódio, como nas peças anteriores. É imperativo notar, no entanto, que essas vozes são de pessoas relevantes para o debate acerca da trans-inclusão. Diferentemente dos episódios precedentes, que exibiam familiares e pessoas íntima ou esportivamente relacionadas ao protagonista, o episódio final traz uma ativista e um presidente de uma notável entidade esportiva. Assim, ao invés de apelar para a sensibilização do público, o episódio final segue um caminho distinto, aparentemente buscando o respaldo de um discurso e a complementaridade do debate.

Figura 8 – Fachada da sede do Comitê Olímpico Internacional



Fonte: Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UjTwS_UtwN0&t=179s> Acesso em 29/11/2023.

Posteriormente, a série, que se passa nos Estados Unidos, é deslocada para outro país pela primeira vez. A sede do Comitê Olímpico Internacional, localizado em Lausanne, na Suíça, é apresentada ao público, tendo a sua fachada exibida. Nesse edifício, um personagem de grandíssima relevância é introduzido: Richard Budgett, diretor médico do COI. O profissional discorre sobre o envolvimento da entidade com a pauta da trans-inclusão, revelando um posicionamento institucional que transcende documentos legais de regulação. Analisemos sua declaração:

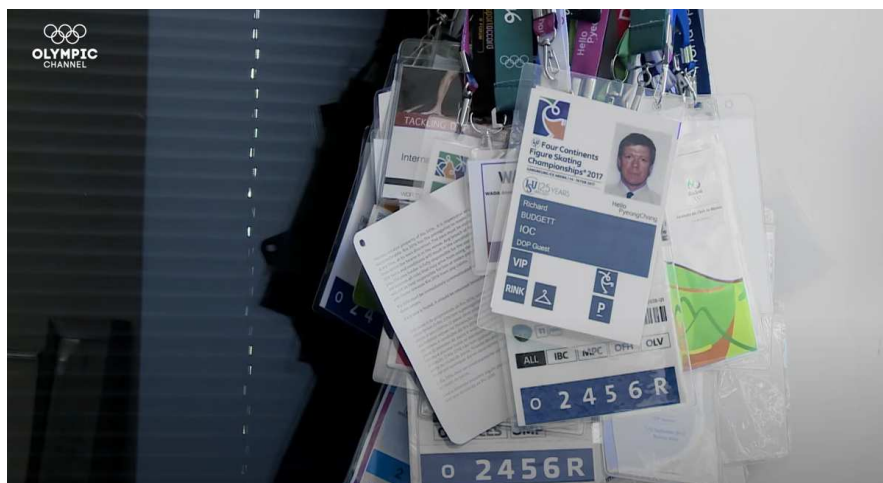
O interesse e o envolvimento do COI com atletas transexuais e a elegibilidade desportiva baseiam-se em reuniões consensuais sobre qualquer assunto que seja importante para a saúde dos atletas. Anteriormente, o COI tinha recomendado em suas diretrizes que procedimentos cirúrgicos eram necessários para atletas transexuais e, naturalmente, houveram preocupações, porque temos uma responsabilidade abrangente de garantir que todos os atletas, em todos os lugares, tenham a oportunidade de participar. Ou seja, trata-se de participação. Mas em equilíbrio com isso tem de haver equidade no desporto e esse também é um princípio fundamental. Portanto, equilibrar estes dois leva inevitavelmente a algum debate, a algum desacordo, que houveram também no caso das diretrizes para transgêneros (Comitê Olímpico Internacional, 2017, tradução própria³⁰).

No discurso de Budgett, é possível observar a construção de dois valores distintos: *participação* (inclusão); *equidade* (*fair play*). Esses são discursivamente moldados como opostos diametrais, sendo, dessa forma, ideais que precisam ser equilibrados por meio de uma postura conciliadora. Nesse sentido, fala-se da inclusão como um potencial agente de injustiças e, aqui, a “equidade é sempre compreendida em referência às mulheres cis e à 'natureza' do esporte em si” (Parcina, 2023, p. 7, tradução própria³¹). O representante do COI também naturaliza resistências de alguns setores ao utilizar o termo ‘inevitavelmente’ para se referir às tensões causadas pelo manejo desses dois valores, transmitindo uma mensagem de compreensão aos espectadores que possuem ideias mais defensivas e fechadas acerca da temática abordada na série. Também é imperativo apontar que, ao longo das falas de Budgett, são exibidos diversos significantes de credibilidade e perícia, como suas inúmeras credenciais de grandes eventos esportivos, assim como os diplomas e certificados que o profissional acumula em sua carreira.

³⁰ No original: “The IOC's interest and involvement with transgender athletes and their eligibility for sport really is based on consensus meetings on any subject that's important to the health of athletes. Previously, the IOC had recommended in the guidelines that surgery was needed for transgender athletes, and naturally there's some concern because we have an overarching responsibility to make sure that all athletes everywhere have a chance to take part in sports. And so it's about participation. But balanced with that has to be fairness in sport and that's a fundamental principle in sport as well. So to balance these two inevitably leads to some debate, some disagreement, and there was in the case of the transgender guidelines as well”.

³¹ No original: “Fairness is always understood in reference to ciswomen and to the ‘nature’ of sport itself”.

Figura 9 – Credenciais de Richard Budgett



Fonte: Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UjTwS_UtwN0&t=179s> Acesso em 29/11/2023.

Em seguida, o protagonista, sentado no mesmo sofá que aparece no início do episódio, assume novamente o papel de narrador, enquanto cenas do triatleta em ação são intercaladas com cenas de sua entrevista. Chris volta a abordar sua transição de gênero e os desafios que enfrentou, estabelecendo uma conexão com o antigo Consenso de Estocolmo (2003):

Quando entrei para a equipe dos EUA em junho de 2015, eu sabia que não seria elegível para competir no campeonato mundial do ano seguinte por causa da política e das diretrizes do Comitê Olímpico Internacional sobre atletas transgêneros, que na época afirmavam que todos os atletas transgêneros precisavam fazer uma cirurgia inferior completa, incluindo modificações internas e externas. E então eu sabia que se entrasse para a equipe dos EUA, seria um ano falando sobre o que está nas minhas calças. [...] Sou um atleta real que não consegue competir porque estão me pedindo para modificar meu corpo de uma forma que eu não quero (Comitê Olímpico Internacional, 2017, tradução própria³²).

Por meio do discurso de Chris Mosier, o COI exerce uma autocrítica, assim como reconhece e aponta as diversas problemáticas do primeiro marco regulatório de elegibilidade. Parcina (2023, p. 22, tradução própria³³) elucida a violência indireta atrelada aos primeiros critérios ‘trans-inclusivos’ adotados pelo COI:

³² No original: “When I made Team USA in June 2015, I knew I would not be eligible to compete in the world championship race the following year because of the International Olympic Committee policy and guidelines on transgender athletes, which at that time stated that all transgender athletes needed to have a full lower surgery, including internal and external modifications. And so I knew if I made Team USA It would be a year of talking about what’s in my pants. I’m a real athlete who’s not able to compete because you’re asking me to modify my body in a way that I don’t want to”.

³³ No original: “Being women includes having a certain type of biological body, but also to be a legal person. If those two conditions are not met then trans women cannot compete, meaning that they themselves need to accept this narrative and present themselves as ‘true’ women”.

Ser mulher envolve ter um determinado tipo de corpo biológico, mas também ser reconhecida legalmente. Se essas duas condições não forem atendidas, então uma mulher trans não pode competir, significando que elas mesmas precisam aceitar essa narrativa e se apresentarem como mulheres 'verdadeiras'.

Nesse contexto, existe uma atitude extremamente positiva da máxima entidade olímpica. Ao conceder espaço e liberdade para um atleta transgênero reconhecido exercer uma voz abertamente crítica acerca das decisões regulatórias da organização, o COI valida os argumentos da comunidade trans e reconhece as falhas - e agressões - presentes no antigo documento de elegibilidade.

Terminada a crítica declaração do triatleta, Budgett volta a comentar sobre o COI e seus marcos regulatórios:

Havia mais evidências disponíveis. Os especialistas diziam que deveríamos rever as diretrizes que o COI tinha em vigor. E assim culminou em novembro de 2015 com outra reunião do painel de especialistas sobre transgêneros. E este painel de especialistas considerou todas as evidências disponíveis. E depois de muito debate, e não foi unânime, mas depois de muito debate, o novo consenso deixa claro que se o tratamento médico puder ser comprovado como eficaz, então nenhuma cirurgia será necessária (Comitê Olímpico Internacional, 2017, tradução própria³⁴).

A segunda declaração do diretor médico da entidade expõe uma justificativa para os novos critérios de elegibilidade adotados no consenso de 2015, remontando também o processo de desenvolvimento desses. Aqui, é claro observar que Budgett busca amparar os novos critérios, explicando para o público como essa decisão foi tomada. Entretanto, existe uma nítida insistência no valor controversial da temática, evidente na reiteração repetitiva do fato de que existem opiniões contrárias, por meio de sentenças e afirmações como: “[...] não foi unânime” e “[...] equilibrar estes dois leva inevitavelmente a algum debate, a algum desacordo” (Comitê Olímpico Internacional, 2017, tradução própria³⁵). Portanto, a série busca, mais uma vez, transmitir compreensão a espectadores que compartilham opiniões contrárias ao tema, buscando constantemente uma conciliação pacífica.

³⁴ No original: “There was more evidence available. The experts were saying we should review the guidelines that the IOC had in place. And so it culminated in November 2015 with another expert panel meeting on transgender. And this expert panel considered all the evidence that was available. And after much debate, and it wasn't unanimous, but after much debate, the new consensus statement makes it clear that if medical treatment can be shown to be effective, then no surgery is required”.

³⁵ No original: “[...] it wasn't unanimous” e “[...] to balance these two inevitably leads to some debate, some disagreement”.

Figura 10 – Richard Budgett falando sobre o marco regulatório de 2015



Fonte: Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UjTwS_UtwN0&t=179s> Acesso em 29/11/2023.

Posteriormente, seguindo um padrão filmico consistente, sem grandes surpresas, semelhante ao empregado ao longo do episódio, o público adentra nos momentos finais da obra. Nessa ocasião, Barry Siff, presidente da *USA Triathlon*, retoma a abordagem da temática:

A participação no esporte proporciona aos indivíduos a oportunidade de expressarem autenticamente quem são. A missão fundamental do *USA Triathlon* é ser totalmente inclusivo. Quando falamos de esporte, falamos de comprometimento, competição conjunta e participação, com respeito mútuo entre os envolvidos. É disso que falamos. Essa iniciativa é crucial, pois elimina obstáculos para a participação de pessoas transgêneras no cenário esportivo (Comitê Olímpico Internacional, 2017, tradução própria³⁶).

Portanto, observamos uma divergência significativa na abordagem discursiva entre o COI (representado por Richard Budgett) e as personalidades entrevistadas. Enquanto a entidade se utiliza de uma linguagem conciliadora, os personagens se expressam de maneira assertiva, apoiando irrestritamente a participação de atletas trans. Essa disparidade sugere que o COI, ao construir uma narrativa favorável à trans-inclusão, opta por transmitir suas mensagens por meio dos entrevistados.

³⁶ No original: “The opportunity to participate in sport opens up the opportunity for individuals to be themselves. The ultimate goal of USA Triathlon is to be fully inclusive. When you talk about sport, it's about commitment and it's about people competing and participating together and respecting each other. And that's what this speaks to. I think it's important because it removes barriers in the transgender movement relative to sport”.

No entanto, há uma aparente hesitação por parte da entidade olímpica, indicando uma necessidade de autopreservação e cautela. Assim, a instituição recorre ao discurso de outras autoridades e personalidades para reforçar a ideia de que corpos trans têm, sim, seu lugar no universo esportivo. Sobre a construção de sentido por meio de vozes terceiras, Mombelli e Tomaim (2014, p. 7) afirmam que

um documentário pode ser composto de várias vozes que se manifestam através das entrevistas, das fotografias e imagens de arquivo, das imagens contemporâneas, da voz *over*, no entanto, ele sempre irá constituir uma voz própria, a partir da conjunção dessas vozes, que irão produzir um significado que traduz o ponto de vista, apresentando o argumento ou defendendo uma causa do cineasta.

Durante os minutos finais, o protagonista continua discorrendo sobre esporte e transgeneridade, a partir de sua experiência como um homem e triatleta trans. Helen Carroll, então, aparece em cena novamente, complementando o discurso e a narrativa que foi construída ao longo do episódio, exercendo um diálogo final com o protagonista: “Ser capaz de transicionar e levar seu esporte consigo de uma forma tão forte dá esperança e um exemplo para pessoas em todos os lugares que são transgêneros e que estão trabalhando para realizar seus sonhos” (Comitê Olímpico Internacional, 2017, tradução própria³⁷). Após a fala da ativista, Chris finaliza:

[...] qualquer atleta trans, agora, tem a oportunidade de competir nos mais altos níveis do esporte. Quanto mais eu puder ser aberto, visível e público sobre minha identidade, melhor será para a trans-inclusão esportiva. Isso é o mais incrível para mim (Comitê Olímpico Internacional, 2017, tradução própria³⁸).

Nesta conclusão, podemos denotar um tom vitorioso e de conquista sendo empregado. Evidentemente, Chris discorre acerca do novo consenso com o devido entusiasmo, exemplificando para o público o progresso concreto que o documento representa. Isto é, o episódio é finalizado com uma celebração da luta trans no esporte, simbolizando o fim de imposições desumanas e marginalizantes. A partir do novo documento, o valor da inclusão - indicado por Budgett - é alcançado. Chris, em seu discurso, também exerce uma função promocional, que propaga ao público a principal informação que o COI deseja atrelar ao novo marco regulatório.

³⁷ No original: “To be able to transition and carry his sport with him in such a strong way gives hope and gives a role model to people everywhere”.

³⁸ No original: “[...] any trans athlete now has the opportunity to compete at the highest levels of sport. The more that I can be out and open and visible and public about my identity, the better that it is for trans inclusion in athletics. That’s the most amazing thing for me”.

4.5 Resultados e Discussões

A análise aqui empregada revelou diversas nuances na comunicação das políticas trans-inclusivas do COI. Em *Identify*, a entidade apresenta alguns princípios básicos que aparentam nortear o vínculo comunicacional com a temática abordada.

As fórmulas filmica, discursiva e semiótica aplicadas nos quatro episódios iniciais da série apontam para uma tentativa de sensibilização do público, o que revela uma estratégia de pacificação do tema. Por meio de familiares, cônjuges e amigos, a obra humaniza atletas transgêneros. Essa também reforça interesses, sentimentos e outras inerências humanas descritas pelos protagonistas, direcionando o olhar do espectador para as semelhanças ao invés das diferenças.

O último episódio, por sua vez, estrelou um presidente de uma importante federação esportiva, uma ativista LGBTQIAPN+ e um representante médico do COI. É claro notar, então, que a fórmula não é a mesma na peça final, pois, ao contrário de outros episódios, esse veicula declarações e argumentos de pessoas que não são necessariamente vinculadas ao protagonista e que são autoridades credenciadas. Revela-se, dessa forma, que a entidade procurou não só pacificar, mas também esclarecer e complementar o debate, assim como validar o direito desportivo de pessoas trans, ainda que por vozes de terceiros. Acima de tudo, essa escolha de elenco transmite argumentos para justificar a mudança nos critérios de elegibilidade transgênera.

De maneira geral, os episódios também proporcionam espaço para críticas, permitindo que os protagonistas apontem para a natureza violenta e discriminatória do Consenso de Estocolmo, ainda que esse tenha sido um marco histórico para a comunidade trans. As críticas veiculadas são expressas pelas personalidades entrevistadas na série, representando um reconhecimento pleno dos argumentos contrários ao antigo consenso e uma postura reflexiva por parte do Comitê Olímpico Internacional.

Contudo, é crucial destacar que a série reitera continuamente a diversidade de opiniões e a complexidade ‘inerente’ a esse tema. O COI parece exibir hesitação, não sendo direto, nem suficientemente assertivo, ao comunicar em apoio a essa causa. Ou seja, apesar de a entidade reconhecer os direitos desportivos de atletas transgêneros, percebe-se uma notável cautela quando se trata de defender clara e abertamente essas perspectivas. Essa atitude parece refletir uma postura defensiva, possivelmente motivada pela necessidade de preservação, não apenas da própria entidade, mas também de setores específicos que possam se opor às resoluções trans-inclusivas, as quais eventualmente são propostas.

É claro que a natureza global da entidade olímpica exige uma consideração das diferentes perspectivas culturais e sociais em relação à transgeneridade, o que certamente é levado em conta na sua comunicação institucional. Portanto, é imperativo considerar que as estratégias comunicacionais do COI são adaptadas para abrangerem diferentes contextos culturais. Ademais, é válido considerar como o COI lida com as especificidades legais e sociais relacionadas à identidade de gênero em diferentes países. Esses interesses, culturas e percepções diversas certamente limitam os posicionamentos da entidade.

De forma complementar, é essencial examinar, de maneira interna, como as estratégias de comunicação refletem a dinâmica organizacional da organização. A trajetória para a criação e a comunicação de políticas trans-inclusivas não ocorre em um vácuo, mas sim em uma instituição que é permeada por resistências, debates internos e, possivelmente, reconfigurações de poder. A análise de regulamentos de elegibilidade e inclusão do COI sob a influência da comunicação revela nuances importantes na forma como a entidade abraça a diversidade de gênero. A comunicação, nesse contexto, serviu como um reflexo das dinâmicas internas de poder e das diferentes correntes de pensamento dentro e fora do COI.

Em síntese, a entidade parece fundamentar sua abordagem comunicativa em três princípios básicos e norteadores: pacificação, argumentação e autopreservação – elementos intrínsecos a uma postura diplomática e conciliadora, fundamentada pelos fatores já elucidados. No entanto, essa atitude suscita críticas e reflexões mais profundas. Ao escolher a conciliação em detrimento da assertividade, o COI acaba conferindo reconhecimento e poder a discursos discriminatórios em um momento de urgência social e em um cenário esportivo que perpetua segregações, violando direitos humanos e princípios fundamentais da Carta Olímpica. Diante disso, surgem alguns questionamentos pertinentes, que podem nortear futuras pesquisas: por que conceder tamanha consideração a forças e posicionamentos que contradizem princípios tão fundamentais, sejam eles humanos ou desportivos? De onde vem a necessidade de equiparar, do ponto de vista argumentativo, aqueles que buscam simplesmente o direito de competir a indivíduos que, literalmente, promovem discriminação com base em identidades e marcadores de gênero?

Todo esse contexto nos leva a concluir que a ausência de assertividade na comunicação do COI sobre a trans-inclusão é um indício das elucidações de Foucault, Marx e Engels acerca de classes, poder e controle. Dedutivamente, também é claro pensar que o grupo de pessoas contrárias à inclusão de atletas trans detém uma quantidade de poder suficiente para limitar o posicionamento do COI, sendo até mesmo agentes internos de segregação. Nessa conjuntura, a solução mais plausível se torna o amortecimento do discurso,

a conciliação de interesses e a transmissão terceirizada do verdadeiro posicionamento da entidade, gerando uma comunicação vaga, hesitante e que não chega ao público espectador com a devida firmeza. Isso também naturaliza discursos discriminatórios e perpetua a ideia de uma suposta complexidade insolucionável atrelada à temática, reforçando, assim, a percepção ritualística da comunicação defendida pelo teórico James Carey (2008).

Portanto, é imperativo refletir sobre as relações de poder dentro de entidades como o COI, que inevitavelmente exercem um controle velado sobre certos setores, incluindo a comunicação. No geral, *Identify* é uma obra disruptiva, que cumpre sua função de divulgar as novas diretrizes e construir uma narrativa de apoio a atletas trans, utilizando-se de argumentos esclarecedores e das vozes dos protagonistas. Entretanto, a falta de objetividade e um posicionamento verdadeiramente claro são limitantes para a transmissão da mensagem. A análise realizada permite observar que essa abordagem conciliadora é influenciada por poderes externos e internos, levantando a preocupação de uma potencial submissão incontornável a figuras e instituições contrárias à causa transgênera.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa proporcionou uma compreensão mais abrangente da abordagem adotada pelo Comitê Olímpico Internacional em sua comunicação sobre a temática da trans-inclusão no contexto esportivo. Desde o questionamento inicial sobre como a entidade comunica essa questão até a identificação dos princípios norteadores presentes na sua estratégia comunicacional, o longo percurso desta investigação permitiu conclusões consideravelmente significativas.

A observação cuidadosa dos artefatos comunicacionais do COI revelou uma notável hesitação na abordagem direta acerca da trans-inclusão, ainda mais evidenciada pela escassez de conteúdo específico em suas principais redes sociais. O documentário *Identify*, por sua vez, emerge como uma ferramenta estratégica na comunicação do COI, desempenhando um papel crucial na divulgação do marco regulatório de 2015. Ao humanizar atletas transgêneros, o COI, através do documentário, busca transformar a opinião pública, normalizar corpos trans e incentivar uma postura mais inclusiva entre os espectadores. No entanto, esta aparente abertura não elimina a camada de autoproteção subjacente. O COI, diante de opiniões divergentes, parece adotar uma abordagem menos disruptiva e radical nos seus posicionamentos em defesa dos direitos desportivos de indivíduos transgêneros, a fim de se proteger de forças contrárias.

A estratégia de defesa velada adotada pelo COI é definitivamente notável. Utilizando *Identify* como uma oportunidade para expressar suas posições por meio de terceiros, o COI adere a uma forma de comunicação que defende um ponto sem assumir necessariamente uma postura direta e explícita. Essa tática revela uma complexidade nas dinâmicas de poder e influência que permeiam o capitalismo e, conseqüentemente, o cenário esportivo global, destacando o delicado equilíbrio que o COI busca entre promover a inclusão e atender a interesses divergentes.

Essas conclusões ressaltam a necessidade de uma análise contínua das estratégias comunicacionais de entidades esportivas relevantes, uma vez que a inclusão transgênera no esporte continua sendo uma pauta em constante evolução. Apesar da série *Identify* ter sido veiculada em 2017, pode-se notar, atualmente, as ressonâncias oriundas da postura diplomática apresentada pelo COI nessas peças, que culminou em um novo marco regulatório que não regula, de fato, nada:

Instruções e recomendações muito claras e concisas publicadas em 2003 tornaram-se um conjunto de recomendações vagas e ambíguas em 2021, não apenas sobre quem

é elegível para competir profissionalmente, mas também sobre quem pode ou não ser considerada mulher (Parcina, 2023, p. 32, tradução própria³⁹).

Essa é uma clara exemplificação de como concessões mínimas, ainda que vindas de entidades bem intencionadas, podem ser revogadas a qualquer momento através de artifícios que, a princípio, não parecem hostis.

A conciliação exacerbada deu espaço para outras entidades banirem atletas trans quando bem entenderem. Isto é, a verdadeira inclusão desportiva da comunidade trans virá com a compreensão, por parte das entidades reguladoras, de que não é possível servir a duas correntes antagônicas. É imperativo e urgente compreender que, se de um lado, há uma busca legítima pelo direito de competir, do outro, subsiste a tentativa deliberada de promover a segregação de um grupo minoritário de atletas em potencial. Não é razoável, de maneira alguma, dar o mesmo peso aos dois posicionamentos.

Ao considerar a complexidade das dinâmicas envolvidas, torna-se evidente que as estratégias comunicacionais do COI devem ser interpretadas a partir de um contexto mais amplo de poder, resistência e transformação social. Dessa forma, o presente estudo oferece mais que uma análise crítica das práticas comunicacionais do COI em relação à inclusão de atletas trans. Esse também sugere possíveis direções para demais trabalhos que busquem aprofundar o entendimento sobre as implicações sociais e políticas que tais práticas comunicacionais acarretam. A partir desse entendimento, é possível direcionar futuras pesquisas para investigar a recepção do público às mensagens transmitidas pelo COI, bem como as relações de poder internas e externas que certamente limitam essas iniciativas. Essa abordagem permitirá uma compreensão mais aprofundada do impacto real dessas estratégias na promoção da inclusão e no enfrentamento das resistências presentes na sociedade e nas próprias estruturas esportivas.

Agora, diante dessas conclusões, emerge a fundamental necessidade de aprofundar o diálogo em torno da inclusão de pessoas trans no cenário esportivo. Este estudo deve ser encarado como um ponto de partida para uma reflexão muito mais abrangente. Urge considerar não apenas as influências e a pertinência das estratégias comunicacionais adotadas pelas entidades reguladoras, mas também abrir espaço para questões mais amplas e interseccionais.

³⁹ No original: “Very clear and compressed instructions and recommendations published in 2003 became a set of vague and ambiguous recommendations in 2021 not only on who is eligible to compete at professional sport level, but also on who can be called a woman”.

A inclusão de pessoas transgêneras no esporte não pode ser analisada de maneira isolada, e sim em um extenso espectro que engloba diversas realidades, como a experiência de pessoas trans com deficiências, de nacionalidades e etnias diferentes, pessoas trans refugiadas e pessoas trans originárias – e de pessoas cis, também. A comunicação, nesse sentido, desempenha um papel central não apenas como meio de acolhimento e validação, mas como uma ferramenta poderosa para amplificar vozes marginalizadas e suas lutas.

Assim, instiga-se não apenas a continuidade do debate sobre trans-inclusão, mas também a expansão desse diálogo para abranger as complexidades e as diversidades que permeiam a experiência humana. Somente ao reconhecer e abraçar essas nuances é que podemos verdadeiramente aspirar a construir um ambiente esportivo que transcenda as barreiras da equidade, da justiça e da inclusão, consolidando-se como um espaço onde a comunicação não apenas reflete, mas também impulsiona a evolução rumo a uma sociedade mais justa.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, D. **The Power and Impact of Framing Transgender Athletes in Sports**. 2020. 84. p. Thesis (master of Arts) - Pennsylvania State University, State College, 2020. Disponível em: <https://etda.libraries.psu.edu/catalog/18494dxa552>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- ARAUJO, L. **10 campanhas protagonizadas por pessoas trans**. [S. l.] Propmark, 2020. Disponível em: <https://propmark.com.br/10-campanhas-protagonizadas-por-pessoas-trans/>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- BARTHES, R. **Elementos de Semiologia**. Izidoro Blikstein (Trad.). 14. ed. São Paulo, 1990. 116 p.
- BASTOS, M. T. Transmissão, comunhão, comunicação. **MATRIZES**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 243–248, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38270>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- BENEVIDES, B. G. **Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022**. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília: Distrito Drag; ANTRA, 2023. Disponível em <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- BITTENCOURT, R. N. A indignidade da publicidade. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 15, n. 178, p. 30–42, 6 mar. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/31103>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 30 nov. 2023.
- BRASIL. Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 24 mar. 1998.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Renato Aguiar (Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMARGO, W. X. de; ALTMANN, H. Deslocamentos políticos e de gênero no esporte. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, 16 ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/SzRSPZDbWbh5tvsDCPXBwdp/?lang=pt>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- CAPUANO, A. **Linguagem neutra embala cobertura olímpica ‘não-binária’ na TV**. [S. l.] Veja, 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/tela-plana/linguagem-neutra-embala-cobertura-olimpica-nao-binaria-na-tv>. Acesso em: 30 nov. 2023.

CAREY, J. W.; ADAM, G. S (org.). **Communication as Culture, Revised Edition: Essays on Media and Society**. New York: Routledge, 2008. 212 p.

COELHO, F. D.; MOURÃO, L. As (trans)formações das representações sociais de gênero no esporte. *In: Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, 7.*, 2018, Rio Grande. **Anais eletrônicos [...]**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018. Disponível em: <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/131.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2023.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **IOC Consensus Meeting on Sex Reassignment and Hyperandrogenism**. Lausanne, nov. 2015. Disponível em: https://stillmed.olympic.org/Documents/Commissions_PDFfiles/Medical_commission/2015-11_ioc_consensus_meeting_on_sex_reassignment_and_hyperandrogenism-en.pdf. Acesso em: 30 nov. 2023.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **IOC Framework on Fairness, Inclusion and Non-discrimination on the basis of gender identity and sex variations**. [S. l.] 2021. Disponível em: <https://olympics.com/ioc/news/ioc-releases-framework-on-fairness-inclusion-and-non-discrimination-on-the-basis-of-gender-identity-and-sex-variations>. Acesso em: 30 nov. 2023.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Statement of the Stockholm consensus on sex reassignment in sports. Estocolmo**, 28 out. 2003. Disponível em: https://stillmed.olympic.org/Documents/Reports/EN/en_report_905.pdf. Acesso em: 30 nov. 2023.

E-ALLIANCE. **Transgender Women Athletes and Elite Sport: A Scientific Review**. Canadá: CCES, 2021. 84 p. Disponível em: <https://www.cces.ca/transgender-women-athletes-and-elite-sport-scientific-review>. Acesso em: 30 nov. 2023.

FIORIN, J. L. Semiótica e comunicação. **Galáxia**. [S. l.] n. 8, p. 13–30, out. 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1390>. Acesso em: 30 nov. 2023.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Laura Fraga; Almeida Sampaio (Trad.) 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FUCHS, C. Towards a critical theory of communication as renewal and update of marxist humanism in the age of digital capitalism. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, [S. l.] v. 50, n. 3, 20 jul. 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/jtsb.12247>. Acesso em: 29 nov. 2023.

GENEL, M. Transgender Athletes: How Can They Be Accommodated? **Current Sports Medicine Reports**, [S. l.] v. 16, n. 1, p. 12–13, 2017. Disponível em: https://journals.lww.com/acsm-csmr/fulltext/2017/01000/transgender_athletes__how_can_the_y_be.7.aspx. Acesso em: 29 nov. 2023.

GLEAVES, J.; LEHRBACH, T. Beyond fairness: the ethics of inclusion for transgender and intersex athletes. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 43, n. 2, p. 311–326, 11 mar. 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00948705.2016.1157485>. Acesso em: 29 nov. 2023.

GREGOLIN, M. DO R. V. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 39, p. 13–21, 1995. Disponível em: <https://mau.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A1763243&dswid=-6266>. Acesso em: 29 nov. 2023.

JESUS, J. G. de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2. ed. Brasília, 2012. Disponível em: <https://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2023.

JONES, B. A. *et al.* Sport and Transgender People: A Systematic Review of the Literature Relating to Sport Participation and Competitive Sport Policies. **Sports Medicine**, v. 47, n. 4, p. 701–716, 3 out. 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5357259/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

JUNIOR, C. A. T. **Rio 2016: o Jornalismo Esportivo e o Comitê Olímpico do Brasil**. 2019. 154. p. Tese (doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-24052019-100614/pt-br.php>. Acesso em: 29 nov. 2023.

JÚNIOR, M. C. da S. **Pink money e o valor de sua bandeira: como o capitalismo utiliza as pautas sociais**. 2022. 56 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Departamento de Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/48145/1/TCC%20M%C3%A1rcio%20Cavalcanti%20da%20Silva%20J%C3%8Anior.pdf>. Acesso em 29 nov. 2023.

LEITE, F. Representações LGBTQIA+ em estudos publicitários: um olhar sobre a produção científica brasileira do Intercom, Compós e Pró-Pesq PP de 2000 a 2020. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 45, e2022102, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/Pd3RfsgyxyFRcW94kYjvPgN/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

LEO, B. The Colonial/Modern [Cis]Gender System and Trans World Traveling. **Hypatia**, v. 35, n. 3, p. 454–474, 2020. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/hypatia/article/abs/colonialmodern-cisgender-system-and-trans-world-traveling/94C4309C3FA1DD5DB23091F26C9BDD11>. Acesso em: 30 nov. 2023.

MARX, K.; ENGELS, F.; COMO, M. L. (org.) **O manifesto comunista**. 20. ed. [S. l.] Paz & Terra, 2008. 68 p.

MATHEY, M. **Conheça as pessoas trans presentes nas Olimpíadas de Tóquio**. [S. l.] ECOA, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/marina-mathey/2021/07/28/conheca-as-pessoas-trans-presentes-nas-olimpiadas-de-toquio.htm>. Acesso em: 29 nov. 2023.

- MCCOMBS, M. E.; SHAW, D. L. The Agenda-Setting Function of Mass Media. **The Public Opinion Quarterly**, v. 36, n. 2, p. 176–187, 1972. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2747787>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- MEYER, D. E. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 1, p. 13–18, fev. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/cWRpwwC5yCqdzrDkH66gbvp/>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- MOMBELLI, N. F.; TOMAIM, C. D. S. Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. **Lumina**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 1–17, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21098>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- NASCIMENTO, R. H. de J. **Transexualidade e esporte: uma análise dos discursos midiáticos jornalísticos**. 2020. 95 p. Dissertação (mestrado em Tecnologia e Sociedade) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/23615>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- OLYMPICS. **Team USA’s Chris Mosier continues to break barriers for trans athletes**. [S. l.] Olympics, 2017. 1 vídeo (7:27 min). Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=identify+olympics+chris. Acesso em: 30 nov. 2023.
- OLYMPICS. **This transgender volleyball player’s path leads to an NCAA women’s team**. [S. l.] Olympics, 2017. 1 vídeo (13:53 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=znLUIqzNp98>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- OSHIRO, A. L. de A. **Reputação – As interpretações dos sujeitos organizacionais e coletivos no contexto normativo de transição do capitalismo material para o imaterial cognitivo em rede**. 2014. 367 p. Tese (doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- PARCINA, N. **Who is “woman”?: A discourse analysis of IOC transgender recommendations that are governing women bodies in elite sport**. 2023. 45 p. Independent thesis Basic level (degree of Bachelor). Faculty of Culture and Society (KS), Department of Global Political Studies (GPS), Malmö University, Malmö. Disponível em: <https://mau.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A1763243&dswid=-6266>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- PIGOZZI, F. *et al.* Joint position statement of the International Federation of Sports Medicine (FIMS) and European Federation of Sports Medicine Associations (EFSMA) on the IOC framework on fairness, inclusion and non-discrimination based on gender identity and sex variations. **BMJ Open Sport & Exercise Medicine**, v. 8, n. 1, 2022. Disponível em: https://observatorio.fm.usp.br/bitstream/OPI/46268/1/art_PIGOZZI_Joint_position_statement_of_the_International_Federation_of_2022.PDF. Acesso em: 30 nov. 2023.
- PIRATININGA, Luiz Celso de. **Publicidade: arte ou artifício?** São Paulo: T. A. Queiroz, 1994. 98 p.
- PITSILADIS, Y. *et al.* Beyond fairness: the biology of inclusion for transgender and intersex athletes. **Current Sports Medicine Reports**, v. 15, n. 6, p. 386–388, 2016.

POMPEU, B. Publicidade pós-causa: o poder da linguagem publicitária. **Rizoma**, v. 9, n. 2, 5 jul. 2021. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003074103>. Acesso em: 30 nov. 2023.

QUINHONES, D. G.; CID, A. V. C.; TRENTO, Y. L. A Transgeneridade como Resistência a uma Lógica Totalitária: Uma Leitura a partir da Teoria do Self Gestáltico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, n. spe3, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/pjgwCg5pvQm7Nn5rDXTKYQr/>. Acesso em 30 nov. 2023.

RIAL, C. S. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21–65, dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/syLR3VK3QkmbTK8xJJtjpw/?lang=pt>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SCHUDSON, Z. C.; MORGENROTH, T. Non-binary gender/sex identities. **Current Opinion in Psychology**, v. 48, dez. 2022. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2352250X22002202?via%3Dihub>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Christine R. Dabat; Maria B. Ávila (Trad.). In: SCOTT, J. **Gender and the politics of history**. New York, Columbia University Press. 1989. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 30 nov. 2023.

SILVA, R. F. F da. **Atletas transexuais nos regulamentos esportivos: desestabilizando a organização esportiva e a linearidade de gênero no esporte e no direito**. 2021. 114 p. Dissertação (mestrado em Direito) - Universidade La Salle, Canoas, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11690/2237>. Acesso em: 22 set. 2021.

SYKES, H. Transsexual and Transgender Policies in Sport. **Women in Sport and Physical Activity Journal**, [S. l.] v. 15, n. 1, p. 3–13, abr. 2006. Disponível em: <https://journals.humankinetics.com/view/journals/wspaj/15/1/article-p3.xml>. Acesso em: 29 nov. 2023.

TAVARES, B.; RAMOS, M. B.; MOHR, A. Anne Fausto-Sterling e o espectro de sexo/gênero. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 14, n.1, p. 410–426, 28 jun. 2021. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/494>. Acesso em: 29 nov. 2023.

THORPE, H. *et al.* Journalists on a Journey: Towards Responsible Media on Transgender Participation in Sport. **Journalism Studies**, v. 24, n. 9, p. 1237–1255, mai. 2023. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1461670X.2023.2206920>. Acesso em: 30 nov. 2023.

WHITESIDE, E. Transforming sporting spaces into male spaces. In: LOUGH, N.; GEURIN, A. N. (org.). **Routledge Handbook of the Business of Women's Sport**. 1. ed. London: Routledge, 2019. Disponível em:

<https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9780203702635-38/transforming-sporting-spaces-male-spaces-erin-whiteside>. Acesso em: 29 nov. 2023.

CALDWELL, S. **Marxism, feminism and transgender politics**. [S. l.] International Socialism, 2017. Disponível em: <https://isj.org.uk/marxism-feminism-and-transgender-politics/#footnote-10080-9>. Acesso em: 29 nov. 2023.

KOHLI, A. **From Bud Light to Nike, Brands Are Facing Conservative Backlash for Featuring Trans People. Why They're Sticking to Their Decisions**. [S. l.] Time, 2023. Disponível em: https://time.com/6269728/trans_representation_nike-budlight-backlash/. Acesso em: 30 nov. 2023.

KRAUS, E. *et al.* **Inclusive and Affirming Support for Transgender and Gender Non-conforming Athletes**. AASP Newsletter. Indianapolis, mai. 2021.